

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
MESTRADO EM TEOLOGIA**

WAINER JOSÉ DE QUEIROZ

**ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE
PAROQUIAL.**

CURITIBA

2016

WAINER JOSÉ DE QUEIROZ

**ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE
PAROQUIAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia PUCPR da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Teologia.

Orientador: prof. Dr. Clodovis Boff.

CURITIBA

2016

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Q3e
2016 Queiroz, Wainer José de
Espiritualidade de comunhão no âmbito da comunidade paroquial / Wainer
José de Queiroz ; orientador: Clodovis Boff. – 2016.
89 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2016
Bibliografia: f. 84-89

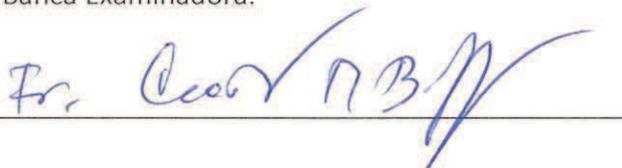
1. Teologia pastoral – Igreja Católica. 2. Comunidades eclesiais de base.
3. Espiritualidade. 4. Evangelização. 5. Paróquias. 6. Comunidades cristãs.
I. Boff, Clodovis. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. 253.7

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 108
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
WAINER JOSÉ DE QUEIROZ

Aos vinte e três dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis, às dezesseis horas reuniu-se na sala de Projeção I - Primeiro andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Clodovis Boff, Marcial Maçaneiro e Joel Portela Amado, para examinar a dissertação do candidato Wainer José de Queiroz, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "Espiritualidade de Comunhão no Âmbito da Comunidade Paroquial." O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 18 h 00 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Clodovis Boff



Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro



Convidado Interno

Prof. Dr. Joel Portela Amado



Convidado Externo



CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



Aos meus familiares, amigos e benfeitores.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Senhor, por me escolheres para ser teu discípulo missionário!

E agradeço por colocar pessoas tão próximas de Ti junto de mim:

- Aos meus Familiares, que embora distantes me incentivam na caminhada
- À minha Congregação, Frades Menores Missionários, que me ajuda me ensina a ser discípulo missionário.
- À minha Comunidade Paroquial, São Pedro Apóstolo, por proporcionar a experiência de refletir a vida de comunhão da comunidade através dos seus movimentos.
- À minha comunidade religiosa, Convento Santo Antônio, pela paciência.
- Ao Fr. Clodovis, pelo acolhimento e orientação.
- Ao Fr. Gabriel, pela atenção cara e rara.
- Ao Secretário paroquial pela compreensão e dedicação.

“O Senhor vos conceda que o amor entre vós e para com todos aumente e transborde sempre mais” (1Ts 3,12).

“A paróquia apresenta um exemplo luminoso do apostolado comunitário, congregando num todo as diversas diferenças humanas que encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja” (AA 10).

RESUMO

A inspiração que permeia o estudo presente é a Conferência de Aparecida, no que se refere à renovação das paróquias. A intenção não é de elaborar uma ideia nova, mas, refletir, ainda que não exaustivamente, sobre a busca da unidade, no sentido de uma “Espiritualidade de comunhão no âmbito da comunidade paroquial”. Arguindo sobre uma ação mais orgânica, sobretudo, por parte dos Movimentos Eclesiais, no ensejo de uma integração com a comunidade paroquial, faz-se necessário acenar para o envolvimento e a comunhão entre os discípulos missionários em Jesus Cristo, na Igreja. A unidade é aquela desejada por Jesus, vivida no seio da Trindade e experienciada pelas primeiras comunidades cristãs. Essa reflexão desenvolve-se à luz do Documento de Aparecida, com ênfase especial nos tópicos sobre o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, o aprofundamento no processo de conversão, o amadurecimento no discipulado, o conviver em Espírito de comunhão e a vivência para a missão. A vivência desse caminho de formação cristã pode conduzir o discípulo missionário à consciência da importância de ser Igreja e de se sentir pertencente à comunidade paroquial. Ao mesmo tempo, poder experimentar o ser alimentado com a seiva da comunhão eclesial, que garante aos membros dos Movimentos Eclesiais uma força de perseverança e um grande dinamismo criativo. Sendo a Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo, os Movimentos Eclesiais, integrados na comunhão eclesial da comunidade paroquial, encontram nesta unidade de vida e missão a oportunidade e a força para serem ramos frutíferos na Vinha do Senhor. Como consequência, a comunidade cristã se enriquece com tal multiplicidade de carismas doados pelo Paráclito e tornados ministérios a serviço do Reino de Deus e de uma renovada, ardorosa e eficaz evangelização: “Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35).

Palavras-chave: Espiritualidade. Unidade. Paróquia. Movimentos Eclesiais.

RESUMEN

La inspiración que se interpone en el presente estudio es la Conferencia de Aparecida, en lo que se refiere a la renovación de las parroquias. La intención no es la de elaborar una idea nueva, pero, reflexionar, sobre la búsqueda de la unidad, en el sentido de una "Espiritualidad de comunión en el ámbito de la comunidad parroquial". Arguyendo sobre una acción más orgánica, principalmente por la parte de los movimientos eclesiales, en el deseo de una integración con la comunidad parroquial, se hace necesario llamar la atención para el involucramiento y para la comunión entre los discípulos misioneros en Jesús Cristo, en la Iglesia. La unidad es la que desea Jesús, presente en el seno de la Trinidad y vivida por las primeras comunidades cristianas. Esta reflexión se desarrolla a la luz del *Documento de Aparecida*, con énfasis en los puntos que tratan del encuentro con la persona de Jesús Cristo, la profundización en el proceso de conversión, la maduración en el discipulado, el convivir en Espíritu de comunión y la vivencia para la misión. La vivencia de este camino de formación cristiana puede conducir el discípulo misionero a la conciencia de la importancia de ser Iglesia y de sentirse perteneciente a la comunidad parroquial y en ella ser alimentado con la savia de la comunión eclesial, que garantiza a los miembros de los movimientos eclesiales una fuerza de perseverancia y un gran dinamismo creativo. Siendo la Iglesia, Cuerpo de Cristo y Templo del Espíritu Santo, los movimientos eclesiales integrados en la comunión eclesial de la comunidad parroquial, encuentran en esta unidad de vida y de misión la oportunidad y la fuerza para ser ramos fructíferos en la Viña del Señor. Al mismo tiempo, la comunidad cristiana se enriquece con tal multiplicidad de carismas donados por el Paráclito y cambiados en ministerios a servicio del Reino de Dios y de una renovada, ardorosa y eficaz evangelización: "En esto todos reconocerán que sois mis discípulos: si amareis unos a los otros" (Jo, 13, 35).

Palabras-clave: Espiritualidad. Unidad. Parroquia. Movimientos Eclesiales.

LISTA DE SIGLAS

AA - Apostolicam Actuositatem
AG - Ad Gentes
CAT - Catecismo da Igreja Católica
CIC - Código de Direito Canônico
ChD - Decreto Christus Dominus
ChL- Christifideles Laici
DAp – Documento de Aparecida
DM- Documento de Medellín
DP - Documento de Puebla
DV- Dei Verbum
EN - Evangelii Nuntiandi
EG- Evangelii Gaudium
GS - Gaudium et Spes
LG - Lumen Gentium
PC - Perfectae Caritatis
PDV - Pastores Dabo Vobis
PO - Presbyterorum Ordinis
RM - Redemptoris Missio
SC - Sacrosanctum Concilium
SD - Documento de Santo Domingo
TMA - Tertio millennio adveniente
UR - Unitatis Redintegratio
VC - Vita consecrata
VD - Verbum Domini

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CENÁRIO DE UMA IGREJA EM COMUNHÃO.....	12
1.2 INTRODUÇÃO	14
1.3 A INSPIRAÇÃO.....	14
1.3.1 A Problemática: Os Movimentos Eclesiais	16
1.3.1.1 Problemas dos Movimentos em relação à Comunidade Paroquial	16
1.3.1.2 Problemas das Comunidades Paroquiais em relação aos Movimentos.....	17
1.4 ARTIFÍCIOS DE ELABORAÇÃO.....	18
1.5 A GUIA DE APERITIVO.....	18
2 A ESPIRITUALIDADE DOS MOVIMENTOS NA COMUNIDADE PAROQUIAL ..	21
2.1 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA.....	21
2.1.1 Conceito de Espiritualidade	21
2.1.2 Espiritualidade cristã à luz do Documento de Aparecida	22
2.1.2.1 Espiritualidade cristã.....	22
2.1.2.2 Espiritualidade cristã no Documento de Aparecida	25
2.2 ABORDAGEM SOBRE OS MOVIMENTOS ECLESIAIS.....	28
2.2.1 Distinção entre Pastorais e Movimentos Eclesiais	28
2.2.1.1 Os Movimentos Eclesiais.....	29
2.2.1.2 Relação entre Movimentos e Pastorais.....	31
2.2.1.3 Enfoque nos Movimentos Eclesiais.....	32
2.2.2 A espiritualidade nos Movimentos Eclesiais	33
2.2.3 Dimensão eclesial da evangelização	34
3 ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO NA COMUNIDADE PAROQUIAL INTEGRADA	36
3.1 UNIDADE EM CRISTO E NA IGREJA À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA.....	37
3.1.1 Unidade em Cristo	37
3.1.2 Unidade na Igreja	38
3.2 UNIDADE NA PARÓQUIA.....	41
3.2.1 Paróquia, lugar de experimentar o elo de comunhão	42
3.2.2 Comunidades em comunhão eclesial	42

3.2.3 A paróquia no Documento de Aparecida	43
3.3 UNIDADE NA MISSÃO	44
3.3.1 Unânicos na escuta da Palavra, pregação e doutrina dos Apóstolos ...	44
3.3.1.1 Na escuta da Palavra, da pregação.....	44
3.3.1.2 Na doutrina dos Apóstolos.....	45
3.3.2 Unânicos na Comunhão Fraterna	46
3.3.3 Unânicos na Fração do Pão	47
3.3.4 Unânicos na Oração	47
3.3.5 Missão no Documento de Aparecida	48
3.4 MINISTROS DA UNIDADE	49
3.4.1 Os ministros ordenados	49
3.4.1.1 O Bispo, os presbíteros e os diáconos a serviço da unidade.....	49
3.4.1.2 O Pároco.....	50
3.4.2 A Vida Religiosa	51
3.4.3 Os fieis leigos	52
4 PROPOSTAS PARA UMA ESPIRITUALIDADE PAROQUIAL DE COMUNHÃO	53
4.1 CRESCER NO SENTIDO DE PERTENÇA	53
4.2. MANIFESTAR A IGREJA, SACRAMENTO DA TRINDADE	55
4.2.1 A comunhão no Povo de Deus	55
4.2.2 A comunhão no Único Corpo de Cristo	57
4.2.3 Comunhão na Igreja - Templo do Espírito Santo	58
4.3 CAMINHAR NA ESPIRITUALIDADE DE COMUNIDADE-IGREJA	60
4.3.1 Partir do Encontro com Jesus Cristo	60
4.3.2 Aprofundar o processo de Conversão	63
4.3.3 Amadurecer no Discipulado	65
4.3.4 Conviver em espírito de comunhão	67
4.3.5 Viver como Igreja em saída	68
4.3.6 Acolher: a missão como expressão da misericórdia	70
4.3.6.1 Opção preferencial pelos pobres: os primeiros para uma Igreja-comunidade que acolhe.....	71
4.4 O ESFORÇO DE UMA ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO: OS MOVIMENTOS NA COMUNIDADE PAROQUIAL	73
4.4.1 “Eu vim para servir” (Mc 10,45)	73
4.4.2 “Que sejam um” (Jo 17,21)	75

4.4.2.1 O encontro de cada membro com Cristo.....	75
4.4.2.2 A acolhida que gera comunhão.....	76
4.4.3 “um só Corpo, muito membros” (1Cor 12,12).....	76
4.4.3.1 A unidade dos membros no Corpo.....	76
4.4.4 “Com simplicidade de coração” (At 2,46).....	77
5. CONCLUSÃO.....	80
REFÊRENCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

1.1 CENÁRIO DE UMA IGREJA EM COMUNHÃO

São seis horas De uma tarde fria de inverno... O sol se esconde atrás das muralhas prediais, deixando apenas os últimos luzidos de uma sexta feira, dia de visita aos enfermos. O sino da Ave-Maria retine por todo o bairro e uma voz sonora e grave convida, do alto da torre da Igreja Matriz, para a prece vespertina.

Sábado, bem cedinho, antes mesmo das rotineiras portas da secretaria abrirem-se, chega o Missionário da catequese, homem de fé e de esperança, simples e convicto; como um avô, acolhe todas as crianças que deixam suas casas e que acompanhadas por seus pais preparam-se para a catequese semanal... Lá, na sala de encontros, leigos engajados e cheios de ardor pelo Reino, iniciam o momento de evangelização. Muitas crianças e adolescentes enfeitam os arredores da Igreja e o pátio, como flores num jardim, com seus sonhos, de um dia serem: catequistas, professores, padres, consagrados, médicos... Num linguajar carregado de gírias, contam suas façanhas, fazendo estrondar nos ares suas “risadas argentinas”.

Na secretaria paroquial, chegam as dúvidas mais diversas; com estilo jovial e atitude atenciosa, o secretário escuta a cada um como se fosse único.

Após o almoço, o movimento é ainda maior: gente que chega e que sai, isso quando não é dia de missão, em que os grupos saem de suas comunidades de origem e vão visitar outra das muitas comunidades da Paróquia. Buscam cumprir a ordem de Jesus: “Pregai o Evangelho a toda criatura”; eles obedecem ao Senhor!

À tarde há encontros, reuniões, palestras, formações, muita oração e partilha de vida. Um centro catequético de muitas salas, e todas afluídas pelas pastorais, movimentos. São muitas as pastorais: da Criança, Familiar, do Dízimo, da Economia, da Catequese, da Liturgia, do Canto, da Acolhida, da Caridade, da Juventude, dos Adolescentes. E tantos movimentos e grupos: Legião de Maria, Liga Católica, Cursilho de Cristandade, Caminho Neocatecumenal, Renovação Carismática Católica, Vicentinos, Oficinas de Oração, Infância Missionaria, Casais

Franciscanos, Terço dos Homens, Capelinhas, Apostolado da Oração e Ministros da Comunhão e da Esperança.

À noite, para a primeira celebração dominical, já no sábado, os primeiros a chegarem, com generosa antecedência, é um casal de idosos, que se sentam no terceiro banco da Igreja, quase sempre acolhidos pelo pároco. E continuam chegando os fieis, sendo recepcionados pela equipe de celebração que se prepara no átrio da igreja. Um a um, ou em pares, os paroquianos vão chegando... A celebração, sempre uma Festa Pascal!

Após a missa, antes do casal de noivos entrar para o momento do enlace matrimonial, os paroquianos se cumprimentam e ali se comenta sobre a vida da comunidade: os que não vieram, os enfermos, os carentes; como um trazer à memória a presença agradável de cada um. Os convidados para o matrimônio já chegaram: padrinhos, madrinhas, pajens, daminhas, de sorriso lindo e de olhares festivos; no altar o diácono assiste o sim dos noivos.

Já no domingo, são celebradas sempre três missas na matriz, além das outras comunidades. Celebrações sempre concorridas pela comunidade. Uma das celebrações é animada pelas crianças... com suas roupas alvejantes e resplandecentes de beleza e pureza. Enquanto isso, os que se preparam para a celebração do batismo avizinham-se numa das salas do centro catequético para o aprofundamento da fé. Os adolescentes nos seus encontros semanais, as senhoras dos movimentos de devoção a Maria, ao Coração de Jesus rezam suas orações e elevam suas preces. Ainda pela manhã, a caudalosa e jubilosa procissão para a devolução do dízimo; depois, café com a catequese...

São celebrações pascais animadas pela fé do povo, uma Igreja em movimento... guiada pelo Espírito Santo... desejosa do Reino. Pastorais e Movimentos que se entrelaçam na unidade da comunidade local, com a diversidade dos dons de Pentecostes e na espiritualidade de uma vida em comunhão.

1.2 INTRODUÇÃO

A experiência concreta do encontro com Cristo é um convite a todo discípulo a fazer e a aprofundar na comunidade eclesial; isso se desenvolve na busca de uma vida de comunhão, numa conversão pessoal, e também comunitário-pastoral.

Caminharemos no fluxo dessa reflexão com um escudo de arrimo e uma adelgada espada. O escudo e a espada equivalem ao Documento de Aparecida, que embora tenhamos já distanciado dele pelo passar dos dias, ainda é vivo na memória e no agir de nossas comunidades eclesiais. É escudo, porque irá nos amparar no desenvolvimento dos apontamentos das atividades desenvolvidas a partir da “espiritualidade da comunidade paroquial”; e é uma espada por poder abrir novos caminhos, arroteando a possibilidade de evidenciar a importância do Encontro com Jesus Cristo, *conditio sine qua non*, para o discipulado e para a vivência da experiência de comunhão na unidade de uma só fé.

1.3 A INSPIRAÇÃO

Em 2007, aconteceu a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, SP – Brasil, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007. O tema que orientou toda Conferência foi a retomada da Evangelização sob o prisma “Discípulos missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida” – “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Desde então tem-se refletido muito sobre a vida das comunidades, sobretudo em relação à “Paróquia, comunidade de comunidades” (DAp 170).

A Paróquia será aqui considerada mais no seu atual contexto organizacional, territorial e institucional do que nas possíveis e até necessárias transformações que os tempos de hoje parecem exigir. Trata-se, mais de um juízo de realidade (como está?), do que de um juízo de valor (como deveria estar?). Isso sempre considerado no contexto institucional e canônico. Esta reflexão visa apontar a importância da espiritualidade, e espiritualidade de comunhão, pois é fato: nem sempre as

paróquias têm cumprido seu papel de incrementar o específico do sentido religioso-espiritual nos fieis; limitam-se algumas a uma administração burocrática pesada, árida e estéril. Por outro lado, deparam-se muitas paróquias com acentuação da dimensão da espiritualidade, entretanto de forma desarticulada, num emaranhado de Movimentos Eclesiais vivendo desvinculados de um projeto de comunhão paroquial. O que então justifica uma reflexão sobre a espiritualidade de comunhão na paróquia.

A paróquia é formada por pequenas comunidades que têm sua vida de Evangelização toda voltada para a pessoa de Jesus Cristo; Ele é o centro da vida da comunidade. As comunidades esmeram-se pelo crescimento de seus membros, não tanto numa visão quantitativa, mas, qualitativa. Isso faz lembrar que o amor é essencial na vida do cristão: “o Senhor vos conceda que o amor entre vós e para com todos aumente e transborde sempre mais” (1 Ts 3,12). Enseja-se que o transbordar do coração abranja todas as dimensões da vida, chegando ao cuidado, à atenção, à solidariedade cristã.

A vida da comunidade paroquial, composta de muitos membros, como toda Igreja (muitos membros num só corpo – cf. Rm 12,4), é enriquecida pela missão comprometida das pastorais, movimentos, grupos. Como afirma o Documento de Aparecida com relação aos movimentos: “neles podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito”(DAp 312).

A espiritualidade cristã cultivada e seguida é importante e dá fortalecimento na execução da missão do discípulo missionário nas pastorais, movimentos e grupos, além de fazer resplandecer o rosto da Igreja no serviço ao doente, na solidariedade com o pobre, com o que sofre e no alegrar-se com o que se rejubila. Mas, há lacunas. Pois, embora presentes e atuantes na comunidade paroquial, algumas vezes, os agentes e membros de movimentos e grupos, faltam com a comunhão na Igreja, correndo o risco de formarem guetos ao assumirem estilos fechados.

O Documento de Aparecida (100) aponta as duas faces da questão do fechamento: a primeira, da parte dos movimentos, que nem sempre se integram adequadamente na pastoral paroquial ou diocesana; e a outra, é o fato de algumas estruturas eclesiais não serem suficientemente abertas para acolhê-los.

No presente estudo sobre “Espiritualidade de Comunhão Paroquial no âmbito da Comunidade Paroquial”, permeia o anseio permanente, por uma Igreja

comunhão, integrada, onde os discípulos missionários encontram-se na unidade entre si e com o Cristo Ressuscitado (cf. DAp 243).

1.2.1 A Problemática: Os Movimentos Eclesiais

Por Movimentos Eclesiais aqui se entende várias tendências de espiritualidade surgidas nas últimas décadas, através da inspiração carismática de um líder da Igreja Católica, que posteriormente, agrega um número significativo de adeptos, surgindo então uma organização própria que custodia e difunde a experiência original de fé do seu fundador. Geralmente surgem das lideranças leigas e se desenvolve entre os fieis leigos.

1.2.1.1 Problemas dos Movimentos em relação à Comunidade Paroquial

Cada Movimento possui o seu carisma (cf. 1Cor 12,4), a sua forma de ser Igreja na Comunidade Paroquial. Mas, como está dentro da Igreja, é necessário que siga aquilo que é próprio e constitutivo da Comunidade-Igreja, que abrace a Igreja-Comunidade.

E as dificuldades no envolvimento com a Igreja-Comunidade são diversas, como por exemplo, a não integração: muitos movimentos resistem à ação evangelizadora orgânica da diocese e conseqüentemente da paróquia. Alguns líderes não aceitam a autoridade do pároco; entretanto este tem a missão de unir a comunidade paroquial, em torno de Cristo, numa mesma Fé e Comunhão. Ou ainda, muitos responsáveis de Movimentos não participam dos organismos como Conselho Pastoral Paroquial e Conselho Pastoral de Comunidade, que tem justamente a função é proporcionar momentos de reflexão e oração para caminhada das comunidades em sintonia e comunhão orgânica. Ocorre então, que, a seguir, por não se fazerem presentes nestes encontros paroquiais e não se sentirem parte da comunidade, dificilmente se inserem nas ações pastorais de suas paróquias, inclusive concorrendo com programações próprias ao mesmo tempo.

Há ainda o grave problema de um grande número de membros dos Movimentos que buscam participar dos encontros e reuniões de seus respectivos segmentos, mas, que descartam a participação na celebração dominical da comunidade. Isso faz com que quase tomem a forma de igrejas paralelas, com fraco vínculo institucional e pastoral com a paróquia.

Alguns integrantes de Movimentos resistem às formações que são ministradas na comunidade, por exemplo, quanto às ações evangelizadoras, à liturgia, às visitas missionárias. Sem formação e direcionamento diocesano e paroquial, surge a tendência de os Movimentos rejeitarem o envolvimento social-político, concentrando-se numa espiritualidade intimista sem compromisso sócio-transformador, tão próprio da caminhada da Igreja na América Latina.

1.2.1.2 Problemas das Comunidades Paroquiais em relação aos Movimentos

A Igreja, comunidade ricamente composta de muitos membros na diversidade, é convocada por Jesus Cristo (cf. Jo 15,16) para estar aberta a acolhê-los com os seus dons e carismas (cf. 1Cor 12), promovendo a unidade entre os membros (cf. Jo 17,21).

Os desafios começam com a dificuldade de a Comunidade Paroquial se abrir à realidade nova dos Movimentos. É tão comum se ouvir a expressão tendenciosa “sempre foi assim!”, para justificar resistências e fechamentos ao sopro renovador do Espírito. Este dá a cada movimento um carisma que precisa ser compreendido, respeitado e acolhido.

É preciso conhecer o que há de bom e belo nos Movimentos, para se evitar toda a espécie de preconceito e não-acolhimento. Às vezes, as comunidades vivem seus conflitos, que geram disputas internas, como o medo desmedido de lideranças, que temem perder a influência, ou de se sentirem ofuscadas na comunidade com a integração de um novo membro ou de um novo Movimento. Além dos conflitos, existem os limites de cada membro de um Movimento com suas fraquezas e imaturidades, que influenciam de forma negativa podendo criar uma percepção contaminada ou distorcida de um Movimento na Comunidade Paroquial.

Os Movimentos são impregnados de uma espiritualidade forte, o que pode causar grande impacto nas comunidades. E da parte das comunidades, os Movimentos são muitas vezes acusados de alienação e intimismo, até pelo fato, de que, em várias comunidades, realça-se mais o “fazer” do que o “ser”.

1.3 ARTIFÍCIOS DE ELABORAÇÃO

A abordagem metodológica desse trabalho será analítico-reflexiva. Partir-se-á de uma pesquisa teológica em obras de autores eclesiais, documentos da Igreja, com destaques para os documentos do Concílio Vaticano II e o Documento de Aparecida.

O trabalho segue a ideia sugerida pela Igreja Latino-americana, de “renovação das paróquias”. Não tem a pretensão de uma construção nova, mas de fomentar o anseio de comunhão e unidade na vida da comunidade paroquial. E intenta apontar pistas para encetar-se esse tão belo e necessário caminho de renovação espiritual e pastoral de nossas comunidades, onde a experiência da unidade em Cristo se harmonize com a diversidade de ministérios e carismas do Espírito Santo, para a glória do Pai, o louvor da Trindade e o bem da Igreja e de todo o povo de Deus.

1.4 A GUIA DE APERITIVO

Abordaremos a reflexão sobre a integração da “Espiritualidade” na comunidade paroquial, que é norteadada pela comunhão, com “espiritualidades” específicas vivenciadas nos Movimentos, grupos. Já de início faz-se necessário observar que as pastorais não serão incluídas nessa análise, pois, elas estão ligadas diretamente ao “pastoreio” do pastor – pároco numa comunidade eclesial específica. Perceberemos que cada Movimento ou grupo procura responder ao chamado de ser discípulo missionário, proclamando Jesus Cristo morto e ressuscitado, salvador e libertador, empolgando-se assim no serviço ao Reino. Os

Movimentos, grupos, como também as pastorais, estão inseridas numa comunidade paroquial, que é uma comunidade maior e que tem um foco mais amplo. No entanto, nem todos os Movimentos conseguem viver a inserção e a integração com a sua paróquia e diocese onde se localizam.

A proposta de reflexão segue três momentos. O primeiro, é um aceno geral sobre a Espiritualidade e a dinâmica das pastorais e dos Movimentos, com enfoque nos Movimentos, que é nossa trilha de desenvolvimento à luz do Documento de Aparecida. A experiência do encontro, tão salientado em Aparecida, é a proposta ao discípulo missionário para um envolvimento pessoal com a Pessoa de Jesus Cristo (cf. DAp 240). Muitos desses discípulos são participantes de Movimentos. Esses Movimentos fazem parte do processo de conversão do discípulo, pois, segundo Comblin (2002), a conversão é mediada e sustentada por um grupo. Segundo o pensamento deste autor, os ambientes paróquias são muito tradicionais ou fechados em si mesmo, o que torna difícil a introdução de um neoconvertido sem o auxílio de um grupo.

O segundo capítulo irá concentrar-se na Unidade da fé e da missão dos discípulos de Jesus Cristo. O aspecto da unidade marca de forma intensa a vida do discípulo de Jesus Cristo. A unidade em Cristo é inspirada no desejo do próprio Senhor: “que sejam um” (Jo 17,21). A unidade na Igreja, ajuda-nos a visualizar “o lugar da experiência da união com Deus e da unidade de todo gênero humano”(LG 1). A unidade na Paróquia, que a expressa como elo de comunhão, exemplo luminoso do apostolado comunitário (cf. AA 10). A unidade na missão, por sua vez, encontra sua base na comunidade apresentada pelos Atos dos Apóstolos. Elencar-se-ão aspectos da vida e da missão da comunidade cristã primitiva, como: ensinamento dos apóstolos, escuta da Palavra, a pregação, a oração e a fração do pão (At 2, 42). E no fecho do capítulo far-se-á um aceno ao papel do ministro da unidade para os participantes do sacerdócio único de Jesus Cristo (LG 10).

O último capítulo traz reflexões que forjam propostas para uma espiritualidade na comunidade paroquial integrada. Reforçando o sentido de pertença à Igreja, é possível buscar manifestar a unidade em Cristo, como Povo de Deus, Corpo Místico e Templo do Espírito Santo.

Partindo, como ponto fundamental e coluna dorsal de toda comunidade evangelizadora, do Encontro com a pessoa de Jesus Cristo, propõe-se aprofundar o processo de conversão, de comunhão, a vivência de uma “Igreja em saída” para a

missão, a atitude de acolhimento como expressão de misericórdia, com especial ênfase na opção preferencial pelos pobres. A adesão da Comunidade Paroquial com seus Movimentos Eclesiais a tais propostas, inspiradas na Conferência de Aparecida possibilitará um processo sempre mais crescente em direção a uma Paróquia onde se perceba uma espiritualidade integrada nos seus aspectos institucionais, pastorais e carismáticos.

2 A ESPIRITUALIDADE DOS MOVIMENTOS NA COMUNIDADE PAROQUIAL.

2.1 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

2.1.1 Conceito de Espiritualidade

Espiritualidade refere-se ao esforço constante da relação do homem com o Transcendente, desde as relações menos religiosas até à união mística com o próprio Deus, “só com o Tu”, numa abertura à transcendência. A Espiritualidade hoje se destaca ainda mais, por ter como desafio um mundo complexo e globalizado.

Segundo a sociologia, a Espiritualidade é marcada “pelas condições sociais concretas em que a pessoa do crente se acha situada”(DE FIORES; GOFFI, 2005). Nas últimas décadas, a relação espiritual tem marcado muito o “modus vivendi” do ser humano. No entanto, tem proporcionado maior consciência entre várias religiões, difundindo um leque grande de características presentes nas religiões, o que dá força ao pluralismo religioso. O esforço humano em interpretar o culto da religiosidade é hoje mais necessário, pois, as transformações profundas e rápidas forjam um novo olhar quanto à compreensão do mundo e o situar-se nele.

É, sobretudo o elemento transição que Mercedes Lopes (2008) aponta como motivo de “interesse pelos temas de espiritualidade”. É nessa busca, às vezes desligada de religião, mas desejosa de transcender, que surgem as diferentes concepções de espiritualidade. Ainda, segundo Mercedes, alguns a estudam simplesmente como algo relativo ao sobrenatural, outros como fluídos que resgatam as energias perdidas, ou ainda, como ajuda para aguentar o sofrimento da vida.

A espiritualidade, numa primeira definição, trata do espírito limitado do homem e sua relação com o Transcendente. Neste momento enxergamos o homem que crê na existência do Transcendente. E que o espírito presente no ser humano pode entrar em contato com o Espírito (DE FIORES; GOFFI, 2005). Conforme Catão (2006), o desejo de Deus é a expressão concreta da capacidade que o ser humano tem de conhecer e amar a Deus. E esse desejo está na raiz de toda espiritualidade.

Salvador afirma que a espiritualidade indica uma organização mais completa de toda a vida. E que pode ser compreendida como o conjunto das inspirações e das convicções que animam interiormente os homens em suas relações com Deus.

O desafio, segundo Faustino Teixeira (2011), está em compreender a pluralidade religiosa não como um dado conjuntural passageiro, mas como um mistério transbordante. Pois, a sociedade moderna tem obtido um índice muito alto de avanços de toda ordem, graças ao empenho da ciência e tecnologia. Existem inúmeros movimentos de renovação espiritual, que estão em sua maioria atrelados a religiões, na busca por orientação, sentido e força para viver as transições e os desafios; e mesmo assim os homens ainda não se sentem realizados, satisfeitos e felizes.

É de fato provocante constatar a espiritualidade como fenômeno religioso que puja na diversidade globalizante; e que conduz ao reconhecimento das tradições religiosas. É neste sentido que Salvador aponta o pluralismo espiritual como “resultado inevitável da própria riqueza da revelação”.

A espiritualidade compreende uma forma de experiência: a experiência do encontro com o divino e de deixar-se guiar pelo Espírito.

Segundo Mouroux (In: TEIXEIRA, 2011), há três formas de experiência: a empírica que é vivida de maneira espontânea e experiencial; a experimental que é consciente e provocada, com propósito de fazer ciência; e a experiencial, a forma plena de acolhida e de doação, feita com lucidez de consciência e generosidade de um amor doação. A experiência experiencial leva ao contato com Deus, com o mundo, consigo mesmo, ou seja, forma comunhão.

2.1.2 Espiritualidade cristã à luz do Documento de Aparecida

2.1.2.1 Espiritualidade cristã em geral

Para Salvador (1996) “o próprio Evangelho é fonte de experiências variadas”. Espiritualidade Cristã comporta o elemento da “relação experiencial” do homem com Deus, na Revelação. É aqui que se compreende que Deus tanto amou os seus, que

enviou seu Filho por amor (cf. Jo 3,16) e que o Espírito conduz os que acreditam para viverem o mistério da fé (cf. 1Cor 12,3).

A experiência da vida cristã contempla processos diferentes em cada ser humano, desde a pessoa de fé e que faz a descoberta de Deus no caminhar, nas vicissitudes de sua história cotidiana; até a pessoa mais distante e privada de tudo, que de Deus só tem o contato com a obra da Criação.

Para Catão (2009), o olhar da espiritualidade cristã é a partir da realidade e levando em conta as fontes bíblicas que apontam a centralidade de Jesus. Jesus torna-se o cumpridor da vontade do Pai (cf. Hb 10,7; Sl 39,9), levando a termo o cumprimento da Antiga Aliança. A pessoa tem o contato com Deus por meio de sua Palavra, acontecimentos e de sua obra salvadora, passando a ter Deus presente em sua vida, gerando uma amizade com Deus.

A “relação espiritual” na espiritualidade cristã, são os atos por meio dos quais o homem se conhece em relação a Deus (SALVADOR, 1996), ou seja, encontra-se com o Senhor sem deixar de ser pessoa. É um ato pessoal e dinâmico, em que a pessoa acolhe o Senhor e sua mensagem e leva as influências para a vida cotidiana.

A espiritualidade cristã é o cultivo da vida interior, que é desejado até mesmo pelos não-religiosos como conjunto de princípios, convicções e experiência que confere harmonia, paz e sentido à vida (BOFF, 2013). Os elementos dessa espiritualidade cristã destacados por Catão (2009) são quatro: eles nos ajudarão a visualizar os eixos da espiritualidade. O primeiro é a comunhão com Deus, na condição de seres criados por Deus; o segundo é o acolher o projeto de Deus, o seu Verbo encarnado; o terceiro é a experiência de nossa condição existencial, guiados pela inteligência e pela vontade – a partir do coração; o último seria o trilhar os caminhos que nos conduzem à progressiva e plena participação na vida de comunhão com Deus. Ao observarmos a vida cristã perceberemos esses elementos que norteiam a espiritualidade cristã: ser criados por Deus, ter no coração o desejo de Deus, querer acolher o mistério da salvação, conduzidos pelo Espírito de Deus. Deus se faz comunhão em Cristo, e por meio de seu Espírito molda na pessoa a imagem de seu Filho. O que dá à espiritualidade cristã o seu centro e o núcleo é a pessoa de Jesus Cristo. Cristo permeia a mente, o coração e a vida pessoal de cada ser humano, conduzindo-o à santidade, impulsionando-o pela ação do Espírito.

Quando se leva a sério o compromisso para com Deus, é Deus que preside todo espaço e tempo pessoais.

A espiritualidade cristã remete ao Espírito, e com um olhar mais atento percebe-se que toda a história da salvação está envolvida pela presença do Espírito, desde quando pairava sobre as águas (cf. Gn 1,2). O Espírito é o Espírito do Pai e do Filho, o Espírito que em todas as suas ações revela uma relação com o mistério de Cristo. O Espírito se coloca a serviço do mistério do Senhor; e toda obra de Cristo prepara a vinda do Espírito, ao mesmo tempo em que o Espírito prepara a vinda de Cristo¹.

A espiritualidade cristã é um crescer na comunhão com Deus, e Clodovis Boff (2013) explica que isso acontece através do Espírito Santo, que é a união do Pai e do Filho; é a Trindade em nós. O Espírito é a fonte de toda a vida espiritual; quem se une ao Senhor torna-se um só Espírito com ele (cf. 1Cor 6,17). Foi o Espírito “que falou por meio dos profetas” (DENZINGER, 2007) e que concede a nova vida (cf. Ez 37,9; Jo 3, 5-7). Santo Tomás, citado por Congar (1989) afirma que o Espírito é no Corpo Místico, como que o coração, o princípio de toda vida, do qual a própria cabeça recebe a vitalidade, para em seguida comandar todos os membros. Semelhante reflexão tem o Concílio Vaticano II, ao afirmar que o Espírito “vivifica, unifica e move todo o corpo” (LG 7). De tal forma que a ação do Espírito perpassa toda a vida da Igreja: tradição, magistério, sacramentos, liturgia, oração, carismas, ministérios. Embora a ação do Espírito seja na diversidade, ele é unificador, como afirma o Documento Ecumênico das Igrejas: “o Espírito está presente e é dado no anúncio, na escuta e na partilha”².

A vida nova que recebemos do Espírito, e que experimentamos e alimentamos: nisto consiste a Espiritualidade. Essa espiritualidade é sacramental e conseqüentemente eclesial, pois, passa pelos sacramentos da Igreja. Nos sacramentos que Cristo instituiu, o Espírito age e concede o acesso à vida pascal, e se descobre o mistério em uma experiência única com o “Cristo, Filho do Deus vivo” (Mt 16,16), através da liturgia sacramental que é meio para a experiência espiritual (BOFF, 2013).

¹ COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **O Espírito que é Senhor e dá vida**. São Paulo: Paulinas 1997.

² Ibid.

A vida espiritual cristã, então, tem por fonte, centro e objetivo a pessoa de Jesus Cristo. É uma vida em Deus, iluminada pela Palavra, e conduzida pelo Espírito Santo.

2.1.2.2 Espiritualidade cristã no Documento de Aparecida

Após as importantes conferências dos bispos latino-americanos em Medellín, Puebla e Santo Domingo, a Conferência de Aparecida representa um novo marco na caminhada da Igreja no continente Latino-Americano, como que uma virada antropológica.

A Conferência de Aparecida traz para o tema da Espiritualidade Cristã a acentuação do caráter discipular dos cristãos e das comunidades, unindo-a fortemente à prática evangelizadora e missionária. As expressões são fortes, ricas e empolgantes, com um apelo veemente à retomada da Evangelização. Dentre expressões e apelos pode-se destacar: “renovação paroquial”, “conversão pastoral”, “superação de estruturas caducas”, a retomada da opção pelos pobres e também, o enfoque na importância do Movimentos para caminhada da Igreja e das comunidades paroquiais.

No Documento de Aparecida, na Carta ao Episcopado Latino-americano e do Caribe, o Papa Bento XVI, fala de numerosas e oportunas indicações pastorais, motivadas por ricas reflexões à luz da fé e da espiritualidade cristã e do atual contexto social (cf. DAp 7). É assim que queremos olhar esse documento, com o objetivo de aprofundar a mística pessoal e o atuar como membro da Igreja de Cristo. A riqueza do Documento de Aparecida está em apontar os traços da espiritualidade e as orientações para se tornar discípulos missionários numa Igreja em conversão.

A Igreja em Aparecida propõe um recomeçar a partir de Cristo, com uma experiência de Deus uno e trino, superando o apego à bagagem de normas e proibições, a devoção fragmentada e a adesão seletiva e parcial da fé.

Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro (DAp 240).

A experiência batismal é o ponto de partida da espiritualidade cristã, experiência que tem como base o encontro e seguimento da pessoa de Jesus: “a própria natureza do Cristianismo consiste em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo” (DAp 244). O Cristão não parte de um querer ético ou de uma ideia, mas, é o encontro com uma Pessoa, com um acontecimento (cf. DAp 12), que impele e conduz a pessoa à superação do egoísmo, do individualismo, da exclusão. A vida nova, o novo horizonte vislumbrado é graças ao “dom do encontro com Jesus Cristo” (DAp 14) que nos confere o ser plenamente pessoas: criadas à imagem e semelhança de Deus.

O discípulo é impregnado por uma fé viva a partir do encontro com Jesus Cristo. Esse discípulo, segundo o Documento, precisa receber uma formação para se tornar discípulo missionário (cf. DAp 212), uma formação de revitalização como verdadeiro batizado no caminho do discipulado.

Aparecida vai prezar muito pela “espiritualidade do encontro”. O encontro, como ensina o Documento, mais importante e decisivo de toda vida, preenchendo de luz, força e esperança é o encontro com Jesus, que se torna para o discípulo missionário a sua rocha, a sua paz, a sua vida (cf. DAp 22).

Tal “experiência do encontro” entende-se como um encontro vivo com a pessoa viva de Jesus Cristo. A presença do Cristo vivo entre os cristãos tem motivado e presidido os trabalhos pastorais, a Igreja, o povo; faz redescobrir a beleza e a alegria de ser Cristão (cf. DAp 28), e levar a desejar cada vez mais a vida em plenitude: “transfigurar tudo o que está desfigurado” (BRIGHENTI, 2008).

O encontro com Jesus Cristo leva a pessoa a ser discípula recebendo de Cristo o chamado, renovando totalmente sempre sua opção pelo Senhor, como ensina o Documento de Aparecida:

Aqueles que serão seus discípulos já o buscam (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Esse encontro deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade (DAp 278).

O encontro com Jesus Cristo é pessoal, mas, acontece no seio da comunidade eclesial concreta. Pois, é na comunidade que se realiza a vocação do discípulo missionário. A comunidade reunida é alimentada, como ensina Aparecida,

pela Palavra e pela Eucaristia. O discipulado exige comunidade-comunhão, vida em comunidade, senão se tornaria uma busca espiritual individualista. E o encontro com o Senhor proporciona à pessoa o deixar o isolamento, o egoísmo, o “eu só”. É insistente o Documento ao afirmar que é constitutivo do acontecimento cristão o fato de a pessoa pertencer a uma comunidade concreta (cf. DAp 156). A comunidade cristã contém o que é próprio do ser discípulo de Cristo: o espaço de iniciação à fé, a educação e a celebração. E também a abertura aos carismas e ministérios.

Quanto aos carismas na Igreja é oportuno expor que este estudo quer alumiar justamente para este aspecto tão necessário à Igreja. Sabemos, pelo Documento de Aparecida, que as comunidades e as pastorais, e os movimentos, são dons do Espírito Santo para a Igreja (cf. DAp 311). E que é por meio deles que cada fiel se torna discípulo de Cristo na Igreja. Mas, o que importa fazer notar é que, talvez, devido a certo cansaço, fraqueza, desorientação ou outras situações a serem destacadas, esses carismas, às vezes, fogem de suas especificidades e correm o perigo de perder a unidade profunda com a Igreja: não só de fé, mas também de ação (cf. DAp 313). No entanto, como, lembra o Documento de Aparecida, é preciso assinalar como a experiência dos primeiros discípulos é ilustrativa ao considerarmos as comunidades primitivas, o fascínio e o encanto, o primeiro desejo da vida em plenitude contida no coração dos discípulos, movidos pelo Espírito, na unidade da fé; buscando ser um só coração e uma só fé (cf. At 2,42).

A espiritualidade à luz de Aparecida é o encontro com Cristo, no desejar cada vez mais a concretização do Reino, pois, as opressões, as violências, os ódios serão transfigurados diante de Jesus. A alegria passa a transbordar no coração do missionário, de tal forma que não é mais um sentimento de bem-estar egoísta; a vida espiritual neste caso é um aproximar-se mais do mundo, um se tornar pessoa plena e participativa. O cotidiano de cada pessoa se torna mais encarnado, graças à experiência do Encontro. Ao dizer “encarnado” queremos trazer a experiência de estar “no mundo”, e permear o mundo como um *alter Christi*, fazendo valer no sentido existencial o mistério da Encarnação.

O discípulo missionário manifesta essa espiritualidade encarnada, viva e missionária: ao compartilhar, ao acolher, ao fraternizar e ao comungar. O *leitmotiv* é sempre um só: o encontro com Jesus Cristo e o caminho do discípulo missionário movido pelo Espírito do Pai (cf. DAp 285).

2.2 ABORDAGEM SOBRE OS MOVIMENTOS ECLESIAIS

2.2.1 Distinção entre Pastorais e Movimentos Eclesiais

Após acenar rapidamente para a questão da estrutura, do carisma dos movimentos, e antes de aprofundar o assunto, faz-se necessário estabelecer as diferenças entre o que é uma Pastoral, o que é um Movimento da Igreja. Através das Pastorais e Movimentos a missão da Igreja é realizada de maneira peculiar. É fato que a primeira tarefa da Igreja é anunciar o Evangelho para a conversão sincera dos fiéis a Deus e ao seu Reino. Os membros dessas pastorais e movimentos, abastecidos na fé da Igreja, pelo aprofundamento e vivência, por terem se encontrado com o Senhor, geram o testemunho de vida nova em Cristo.

Ainda que, em âmbito maior, se fale de uma pastoral orgânica na Igreja, ou seja, uma organização de conjunto, aqui se trata especificamente das pastorais e dos Movimentos, que se esmeram em favor da promoção da vida humana, no serviço ao próximo, orientando todos a Cristo; e ao olhar essa dimensão, até em âmbito social, fica evidente o entender de Rahner “que a realidade mundana incide na construção da ação eclesial e cristã” (In: SZENTMÁRTONI, 1999).

A ação das pastorais e Movimentos da Igreja, possuem elementos como a evangelização, a catequese, a mistagogia, o serviço cristão, que fazem parte do agir eclesial no mundo. São Movimentos e pastorais da Igreja, seus componentes são membros do povo de Deus (cf. LG 14), e ao encontrarem formas de realizar a vida eclesial eles são expressões vivas e atualizadas da Igreja. A comunidade crente vai ao encontro de cada pessoa, chega ao outro, proporcionando um encontro com Cristo, para “promover a fé em Jesus como Senhor”(SZENTMÁRTONI, 1999), evangelizar, defender a vida, lutar pela justiça no mundo.

Pastorais e Movimentos são chamados pela Igreja ao anúncio do querigma. A encíclica *Redemptoris Missio* (4) confirma a tarefa do anúncio: “a tarefa fundamental da Igreja em todos os tempos e de modo especial em nossa época é dirigir o olhar do homem, endereçar a consciência e a experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo”. O anúncio é endereçado a todos: aos batizados, aos não-praticantes, aos não-iniciados, aos que deixam de acreditar e a

todos que estão no processo de conversão. Tal anúncio, abraçado em primeira mão, pelas pastorais e Movimentos, conduzindo ao processo de conversão, introduz à vivência do Reino de Deus, que é reinado de justiça, de amor, de misericórdia, de paz. Quem se converte verdadeiramente se transforma em promotor de um mundo novo no espírito das Bem-Aventuranças (cf. Mt 5,1-12).

Pastorais e Movimentos, em geral, contribuem para organizar, ensinar, dirigir, animar, servir, enfim, ajudar a pessoa a crescer em comunidade, sob a inspiração do Espírito Santo, num caminhar de crescimento na vida em Cristo, uma “ação Cristo-pneumática e eclesial” (CHECA, 2009).

São diversos os membros que estão nas suas bases, que se tornam seguidores de Cristo, e que colocam em dinamismo as pastorais e os Movimentos. Os Movimentos e as pastorais nascem da necessidade da Igreja e são despertados, conduzidos e iluminados pelo Espírito. O número de leigos envolvidos na evangelização é imenso e exercem suas atividades na liturgia, na evangelização, na promoção humana, nas pequenas comunidades, servindo a comunidade em que participam como discípulos missionários.

2.2.1.1 Os Movimentos Eclesiais

Os Movimentos têm sua origem em experiências espirituais e místicas de líderes religiosos (SZENTMÁRTONI, 1999). A partir de um encontro vivo e profundo com a pessoa de Jesus Cristo e seu Evangelho, pela ação do Espírito Santo, através dos sacramentos e de outros sinais do Reino de Deus, muitas pessoas chegaram a uma renovada adesão à Fé Cristã na Igreja. Aos poucos, tal experiência foi articulada, estruturada, tornando-se orgânica e dinâmica, assumindo as formas em que as dioceses e paróquias se organizam, em coordenações hierárquicas. E se apresentam como grupos de autêntica experiência espiritual, mas, tendo algumas limitações. (DE FIORES, 1999).

Os Movimentos Eclesiais, sendo um “apostolado em grupo organizado” (AA 18), constituem uma realidade dinâmica e plural, com métodos e dimensões distintos nos vários países em que atuam (MAÇANEIRO, 2015).

Os Movimentos Eclesiais nascem num âmbito externo à organização da Igreja local, no entanto, atuam e fazem parte da paróquia; ligados à vida pessoal, espiritual de cada membro, no seu carisma próprio e dinâmico, são vividos em experiências comunitárias a partir de suas organizações próprias.

Quanto à organização, os Movimentos possuem uma organização estrutural de modo a ultrapassar as esferas paróquias, formalizando-se dentro da estrutura eclesial. Há uma grande variedade de Movimentos e grupos, desde métodos de experiência cristã em grupo (como o Cursilho de Cristandade), ou percursos de Espiritualidade conjugal (como as Equipes de Nossa Senhora), até grupos de avivamento carismático (como a Renovação Carismática) (Ibid.). Existem outros, que têm como modelo o itinerário de formação e preparação do Catecumenato (como o Caminho Neocatecumenal), ou ainda aqueles que atuam em jornadas apostólicas e visitas espirituais (como a Legião de Maria).

A *Apostolicam Actuositatem* fala do empenho para que os leigos organizados em grupo sejam formados e sustentados, para missão:

Os grupos constituídos para a ação apostólica comunitária sustentam seus membros e os formam para o apostolado, organizam e dirigem seu trabalho apostólico, de forma a se poder esperar daí frutos bem mais abundantes do que no caso de agirem em separado (AA 18).

O mesmo documento do Concílio Vaticano II acima referido indica com precisão quais fins gerais orientam o escopo de cada Movimento:

Visam umas a finalidade apostólica da Igreja, de maneira geral; outras de maneira particular os objetivos da evangelização e santificação; outras dão seu testemunho de Cristo, de modo específico, pelas obras de misericórdia e caridade (AA 19).

Em relação ao Movimento, deve-se ter em conta sempre o que a Igreja orienta: “os grupos não constituem fim em si próprios, mas têm de servir ao cumprimento da missão da Igreja no tocante ao mundo” (AA 19).

O Documento de Aparecida na parte dedicada aos Movimentos Eclesiais afirma que eles “são um dom do Espírito Santo para a Igreja”. E ao perceber o cansaço de alguns Movimentos sugere:

Seria conveniente incentivar alguns movimentos e associações que mostram hoje certo cansaço ou fraqueza e convidá-los a renovar seu

carisma original, que não deixa de enriquecer a diversidade com que o Espírito se manifesta e atua no povo cristão (DAp 311).

E a Conferência reconhece e se propõe a respeitar os carismas de cada Movimento ao afirmar:

Para aproveitar melhor os carismas e serviços dos movimentos eclesiais no campo da formação dos leigos, desejamos respeitar seus carismas e sua originalidade, procurando que se integrem mais plenamente na estrutura originária que acontece na diocese. Ao mesmo tempo, é necessário que a comunidade diocesana acolha a riqueza espiritual e apostólica dos movimentos. É verdade que os movimentos devem manter sua especificidade, mas dentro de uma profunda unidade com a Igreja particular, não só de fé mas de ação (DAp 313).

2.2.1.2 Relação entre Movimentos e Pastorais

Assim, pode-se distinguir a pastoral de um Movimento:

PASTORAIS	MOVIMENTOS
Instituição prático-pastoral	Inspiração carismática
Estão ligadas diretamente à estrutura orgânica da paróquia	Tem certa independência com relação à organização da paróquia
Conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão	Tem sua origem em inspirações carismáticas de um líder
A autoridade na paróquia é o pároco, auxiliado pelo Conselho de Pastoral	A autoridade é de um líder que transcende as circunscrições eclesiais (pode ser alguém de

	outro país)
As lideranças nascem na comunidade	As lideranças são estabelecidas por superiores
Estão ligadas à ação pastoral-social-concreta	São ligadas mais a atividades espirituais
Seus membros frequentam a comunidade	Seus membros podem frequentar comunidades diferentes e distantes
Os membros participam de grupos organizados pela Paróquia	Seus membros participam assiduamente de grupos, reuniões e encontros programados pelo Movimento

2.2.1.3 Enfoque nos Movimentos Eclesiais

Em modo geral, as pastorais já estão, de “per si”, vinculadas ao organismo da comunidade paroquial. Pelo seu próprio nome, ligam-se a atividades do “pastoreio”, cujo coordenador nato é o pároco. Em boa parte, deste depende a sincronização e a harmonia de todo o leque de pastorais com a organização da comunidade eclesial local em comunhão. Em vista disso no presente trabalho não se estenderá a reflexão sobre as pastorais, e sim, sobre os Movimentos.

Isso porque é sabido que os Movimentos na sua origem e organização não estão vinculados, obrigatoriamente a uma comunidade local. Seu dinamismo possui uma característica própria de se desenvolver para além das estruturas eclesiais convencionais. Mas necessitam, para sobreviverem e levarem seus membros à fé eclesial autênticas, de uma assimilação no cotidiano da organização pastoral paroquial.

2.2.2 A espiritualidade nos Movimentos Eclesiais

O Espírito permeia toda a dinamicidade da vida da Igreja, que no seu fluir pervade toda ação eclesial. Na missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece, no mistério pascal, como continuador da obra salvífica; essa obra, explica a Encíclica *Dominum et vivificantem* (42), é confiada por Jesus aos Apóstolos e à Igreja, e por meio deles o Espírito permanece o transcendente sujeito protagonista da realização da ação. A ação do Espírito é em favor da Igreja, de todos os que clamam, levando cada pessoa a participar da vida íntima de Deus (cf. TMA 8). O Espírito, assim como canta a Sequência de Pentecostes³ é: *Pater pauperum, Dator munerum, Lumen cordium*.

O Espírito Santo age sempre para que os fieis chamados (cf. Lc 22,28; Jo 1,35-39) por Cristo percebam na Igreja e reconheçam a preciosidade dos carismas, ou seja, do dom gratuito que o Senhor concede para o serviço. Contudo, sua utilização depende de cada um, na vontade e na fé (JUANES, 2001); o seguimento fiel do carisma desdobra-se numa fé audaz, e numa maneira de evangelizar.

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo vai dizer que “há diversidade de dons da graça, mas o Espírito é o mesmo, os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor” (1Cor 12,4), mostrando os cristãos repletos de carismas. São dons e talentos, para que cada fiel possa colaborar na obra da salvação, e devem ser colocados a serviço da construção do Corpo de Cristo. A ação do Espírito impele o grupo, os fieis, a constituírem comunidades, a serem Igreja (cf At 2,42-47).

Ao percebermos a ação do Espírito, compreendemos que a espiritualidade nos Movimentos seria um estar aberto ao “domínio do Espírito” espaço em que o Espírito preside e guia a ação⁴. Sua presença envolve todos os momentos desde o encontro com o Senhor até o encontro com o outro mais periférico.

³ Lecionário Dominical. Sequência de Pentecostes. São Paulo: Paulus, 1994.

⁴ USG. União dos superiores Gerais. **A espiritualidade**. Experiência unificadora da vida consagrada. São Paulo: Paulinas, 1999.

2.2.3 Dimensão eclesial da evangelização

A ação evangelizadora tem como agente primário a Trindade: o Pai, de quem procede o projeto e o dom da salvação e que envia seu Filho (cf. 1 Jo 4,9), que se encarna e torna-se o mediador (cf. Lc 4, 18-21), e o Espírito Santo o realizador da ação salvífica e a quem o Pai e o Filho enviam para plenificar a obra libertadora (cf. Jo 14, 25-26). Segundo a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (7), o cume da mensagem, do anúncio é a “salvação em Jesus Cristo”.

O ponto de partida para a ação evangelizadora é o mistério da Aliança (cf. Gn 17,7), o Deus que se revela e faz a eleição. Em Jesus, a ação recebe um pastor por excelência (cf. Jo 10,16), Ele mesmo confere a missão (cf. Jo 21,15-17). A carta aos Efésios (4, 11-12) confirma essa ação evangelizadora quando Paulo explicita: “Cristo mesmo deu a uns serem apóstolos, a outros, profetas, a outros, evangelistas, a outros, pastores e doutores, para o desempenho da tarefa de construir o Corpo de Cristo”.

A vida da Igreja, e a prática dos Movimentos se dá pela ação testemunhal daquele que acolhe o Evangelho como Palavra que salva (cf. Rm 1,16) e se torna visível nas atitudes sacramentais, ou seja, na adesão à Igreja e à sua missão: “aquele que foi evangelizado por sua vez evangeliza” (EN 24). A vida nova em Cristo (cf Ef 3,14-19) forja um amar e servir o próximo.

O agir dos Movimentos se molda segundo as circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura; muitas vezes tem o mérito de aproximar as culturas e as pessoas de Jesus Cristo e da Igreja. É tão grande a importância de sua ação, pois, apresentam, anunciam e tornam Cristo conhecido, seja, através da Palavra, ou num primeiro momento, do testemunho, às vezes, de membros simples, mas fieis a Cristo e aos valores supremos do Reino. Aqui nos deparamos com o “indispensável contato pessoal”(EN 46), na missão: pessoa-a-pessoa, cara-a-cara. Como exemplo de contato, aqui podemos lembrar Zaqueu (cf. Lc 19,2), a Samaritana (cf. Jo 4,5) e outros. A atitudes de Jesus em relação a Zaqueu se torna claramente um modelo para os membros de Movimentos na sua missão de levar Cristo à casa de muitos: afastados, nas periferias geográficas e existenciais, pobres e abandonados. É o cumprimento do mandato da missão universal: “Ide, pois, ensinar todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar

tudo o que eu vos mandei” (Mt 28,19). É como ouvir do próprio Senhor o apelo e sair para anunciar (cf. 1Jo 1,2-5). Mas, há também a garantia de que ao saírem não estarão sozinhos: “eles, partindo foram pregar por toda a parte, e o Senhor cooperava com eles” (Mc 16, 26).

Evangelizar é, pois, um ato eclesial que une a todos pela pregação do Evangelho, não numa missão individualista, ou apenas de um grupo, mas como missão da Igreja; a evangelização acontece, pois, em comunhão com a Igreja e com seus pastores (EN 60). Desse modo, os Movimentos poderiam encontrar uma espiritualidade bíblica de comunhão universal na Igreja e nas suas circunscrições particulares, atendendo ao apelo de Jesus: “que sejam Um” (Jo 17, 21).

3. ESPIRITUALIDADE DE UNIDADE E COMUNHÃO NA COMUNIDADE PAROQUIAL INTEGRADA

A unidade desejada por Jesus Cristo na vida da Igreja perpassa os seus membros. É sumamente importante ter presente o desejo: “que sejam um” (Jo 17,11), pois, na caminhada da Igreja, em tantas comunidades é necessário unidade, não é possível distanciar-se. Retomar a unidade parece indispensável para formar comunidade de comunidades, que é o apelo veemente da Conferência de Aparecida. E é Cristo, no seio da Trindade, que gera a unidade para a Igreja que é “una”.

O aprofundar a unidade na vivência das primeiras comunidades cristãs, sobretudo, no “modus vivendi” de “comunhão fraterna” citada pelos Atos dos Apóstolos, é inspirador aos membros de Movimentos presentes nas comunidades. Deve-se levar em conta os meios que as primeiros cristãos tinham para chegarem à vivência da unidade: doutrina dos Apóstolos, vida em comunidade, fração do Pão, oração (cf. At 2,42).

Para ser comunidade integrada, é preciso ter como intento a unidade, e assim, ser uma paróquia renovada, com um agir evangelizador novo. Uma paróquia que se faz, então, elo de comunhão, entre seus membros, e também com a Igreja.

Um agir evangelizador novo leva a uma forma de missão, onde Jesus Cristo é o centro da ação, espelhando-se nas primeiras comunidades cristãs, para que a face “una” da Igreja possa aparecer esplendorosa e bela, sem as rugas da desunião e do individualismo grupal, do fechamento em guetos por parte de Movimentos e dos membros das comunidades.

Assim como o bispo, é o ministro da unidade na Igreja particular, também o pároco, como adiante será retomado, é o ministro da unidade na paróquia. Tem o ministério de zelar pelo bem dos que a ele foram confiados e promover a unidade de seus membros. Sua missão é a de buscar a integração dos movimentos eclesiais presentes em sua Paróquia. Ao mesmo tempo, é atitude de obediência pastoral cada Movimento buscar caminhar em unidade com o pároco e em comunhão com toda a comunidade paroquial.

3.1 UNIDADE EM CRISTO E NA IGREJA À LUZ DO DOCUMENTO DE APARECIDA

3.1.1 Unidade em Cristo

Jesus Cristo oferece a unidade, através do seu Espírito, mas, ele mesmo clama por essa unidade entre os seus: “que sejam um” (Jo 17,11). Esse desejo de unidade nos coloca diante de alguém que não expressa somente sua vontade, mas também, a vontade daquele de quem ele é conhecedor, o Pai, e o qual ele dá a conhecer (cf. Jo 1,18). Jesus, segundo Gérard Rossé (1983), se apresenta como aquele que fala e age como Deus, oferece o Reino que é salvação, doa-se por amor. Cristo torna-se o Mediador obediente, a perfeita revelação do Deus Trindade. Ele é a manifestação do amor de Deus: “nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus” (Rm 8, 39). Esse Amor não só é manifestado, mas, também, testemunhado por Cristo: “como o Pai me amou, eu vos amei” (Jo 15,9).

O princípio de todas as coisas é Cristo (cf. Ef 1,10), é nele que irá acontecer a reunião, a restauração e a conservação de todas as coisas. Pois, Cristo Jesus, é o Pastor, o que “congrega na unidade todos os filhos de Deus dispersos” (Mt 12,52). Ele vai cuidar para que o rebanho não fique sem os cuidados do Pastor (cf. Mt 9,36). E mesmo as ovelhas que não fazem parte do redil Ele irá conduzi-las: “haverá um só rebanho e um só pastor” (Mt 10,16). Segundo Hortal (1989), nestas palavras Jesus nos faz não apenas um apelo para lutar pela unidade, mas também dá a esperança de que essa luta não será em vão. É na oração pela unidade que Jesus expressa claramente o seu desejo de “que todos sejam um” (Jo 17,23), Ele insiste no mandamento do amor (cf. Jo 13, 34-35) e reza ao Pai, “para que sejam perfeitos na unidade” (Jo 17, 23). Hortal, explica que a unidade é um desejo ardente e um pedido do Senhor, e que é também fruto do amor do próprio Cristo. O pastor ama o seu rebanho e, se preciso for, dará sua vida pelas ovelhas.

Cristo amou os seus até o fim (cf. Jo 13,1). É no amor até as últimas consequências, no doar-se na Cruz, que Ele gera a unidade. Assim interpreta Hortal, o letreiro colocado na Cruz de Jesus, escrito em hebraico, latim e grego (cf. Jo 19,19), que expande a exaltação de Jesus, unificando as três culturas, a judaica, a

latina e a grega, mostrando que todos se unificam no Cristo exaltado (Ibid.). A unidade querida por Cristo é continuamente dada pelo Espírito. Mas, da parte dos fieis, ensina João Paulo II (In: AQUINO, 2001), é necessário acolherem como própria a vontade de Cristo. Assim destaca-se no caminhar da unidade dos discípulos de Jesus: o novo mandamento do mútuo amor (cf. Jo 13,34) que Cristo institui; o Espírito unificador prometido (cf. Jo 16,17) e doado (cf. Jo 20,22); o reunir (cf. At 2,42) em busca da unidade e da comunhão. Essa unidade é uma atitude de amor autêntico, trilhado pelos discípulos de Jesus no caminho da cruz, no esvaziamento e na renúncia de si, para encontrar o outro como verdadeiro irmão.

O Documento da Conferência de Aparecida de forma clara e direta explicita que a natureza do Cristianismo consiste em reconhecer a presença de Jesus e segui-lo (cf. DAP 244). A unidade dos discípulos tem sua fonte na Trindade e é gerada no encontro pessoal com Jesus Cristo, e disso decorre que tal unidade se expressa e se alimenta numa espiritualidade trinitária.

Aparecida ainda ensina que os discípulos missionários de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (cf. 1Jo 1,3), e com o Filho morto e ressuscitado “na comunhão no Espírito Santo” (1Cor 13,13). Pois, a unidade é um dom do Espírito Santo (cf. DAp 230). O encontro com Jesus leva os discípulos a se unirem pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e isso proporciona a superação do egoísmo, e a busca de se encontrarem (DAp 240). A unidade gera, a partir do encontro com Jesus, uma abertura do discípulo missionário ao outro e o conduz a uma experiência do servir ao necessitado. Essa experiência, pois, somente pode acontecer, porque tem seu fundamento na Trindade (cf. DAp 155).

3.1.2 Unidade na Igreja

A unidade na Igreja se faz entre aqueles que buscam Jesus Cristo como o centro de suas vidas e da vida em comunidade: “não há judeu nem grego... todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28); Cristo é o centro da unidade da Igreja. Pois, em Cristo, a multidão dos que haviam crido formavam “um só coração e uma só alma”(At 4,32).

A Igreja é o lugar da experiência de comunhão com Deus e da unidade de todo gênero humano (cf. LG 1), ou ainda, é um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4).

Toda Igreja é unida ao centro que é Jesus Cristo. A unidade na grande comunidade-Igreja é um conclave para todos os fieis, que optam por seguir Jesus Cristo. Através da inspiração desabrochada nos carismas dos Movimentos, unidos na Igreja, se tornam discípulos missionários.

As *Notae ecclesiae* (DENZINGER,2007) evidenciam, que com a característica “una”, a unidade faz parte da essência da Igreja.

Una, Santa, Católica e Apostólica: são os quatro atributos da igreja que aprendemos com o *Symbolon Apostolicum* (Ibid.) do Concílio de Constantinopla. Essas notas mostram em síntese o mistério da Igreja de Cristo. O Vaticano II faz uso dos atributos ao definir a Igreja de Cristo:

A única Igreja de Cristo que no símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica, que nosso Salvador depois de sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21,17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para a propagar e reger (cf. Mt 28,18) levantando-a para sempre como ‘coluna e fundamento da verdade’ (1Tm 3,15) (LG 8).

A Igreja é “una” e única porque Deus é uno e único em si mesmo (PIÉ-NINOT, 1998), um só Deus na Trindade de Pessoas (DENZINGER, 2007). O Filho, por sua Cruz, reconciliou todos com Deus, e o Espírito, que plenifica e rege toda a Igreja é princípio de Unidade (cf. GS 78). Mesmo sendo Una, a Igreja possui diversidades; essas diversidades são os dons provindos de Deus e dados às pessoas que os recebem (cf. CAT 814).

O Documento sobre o Ecumenismo, do Vaticano II, afirma: esta unidade que Cristo a concedeu, desde o início à sua Igreja, e nós cremos que ela subsiste sem possibilidade de ser perdida na Igreja católica e esperamos que cresça, dia após dia até a consumação dos séculos (UR 4). E é preciso ter consciência do desejo do Senhor: a reconciliação de todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo, ultrapassa as forças e capacidades humanas (CAT 822). Rahner (1989) é incisivo ao expressar que a nobreza do Cristianismo consiste na unidade, “deve existir uma só Igreja, porque somente assim se satisfaz à natureza do cristianismo”.

A Igreja é “santa” porque é chamada por Deus, o qual é proclamado único Santo (cf. Lv 19,2). A Igreja é “uma nação santa” (1Pd 2,9), pois, Cristo amou tanto a

Igreja e se entregou por ela, e ele quis com isso torna-la santa (cf Ef 5,25). A Igreja é santa, pela sua origem eterna na Trindade e fundação na história por Cristo (WOFF, 2002).

Todas as obras da Igreja tendem “à santificação dos homens em Cristo e à glorificação de Deus”(CAT 824). O Concílio Vaticano II destaca que a Igreja abriga em si pecadores, mas, que é ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se (cf. LG 8).

A Igreja é “católica” porque nela Cristo está presente: “onde está Cristo Jesus, está a Igreja católica” (ANTIOQUIA, I. In: CAT, 2000). A catolicidade indica a abrangência da Igreja no sentido de estar para todos sem distinção (cf. Gl 3,28), “ide, ensinai todos os povos” (Mt 28,19). Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus (LG 13). E por mandato, a Igreja é enviada por Deus, às nações, para ser sacramento invisível da salvação (CAT 868).

A *Lumen Gentium* (13) afirma que “o único Povo de Deus estende-se a todos os povos da terra”, formando a Igreja, que traz em si e administra a plenitude dos meios de salvação (CAT 868).

E é “apostólica” por ter suas raízes no Novo Testamento (cf. Jo 17,7)(PIÉ-NINOT, 1998). A Igreja funda-se sobre a fé dos Apóstolos (cf. Ef 2,20), com a missão a que foram enviados (cf. Mc 3,13). “Assim foram os Apóstolos os germes do novo Israel e ao mesmo tempo a origem da sagrada hierarquia” (AG 5). Pedro, representando o grupo dos doze, foi escolhido pelo Senhor como “pedra” da fundação da Igreja, escolhido pelo testemunho de sua fé (cf. Mt 16,16). Ele recebe “as chaves do Reino dos céus” (Mt 16,19). A Igreja foi construída sobre o fundamento dos apóstolos.

É apostólica porque conserva e transmite os ensinamentos dos apóstolos (CAT 857); e continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos apóstolos, graças aos que a eles sucedem na missão pastoral.

O Documento de Aparecida (386) destaca a Igreja como portadora da missão de “comunicar a vida de Jesus Cristo a todos as pessoas”. E isso, sobretudo através do anunciar a Palavra de Deus (cf. DAp 248). O Documento traz uma gama muito grande de experiências de vivência eclesial de fé (cf. DAp 98-99), sem deixar de mencionar as sombras convidando a seguir o caminho da renovação do Vaticano II e da Conferência Latino Americana, “para assegurar o rosto latino-americano da nossa Igreja” (DAp 100).

A Igreja como Povo de Deus, sujeito da comunhão e da missão, vê no discípulo um “novo sujeito” (DAp 243), que surge a partir do encontro pessoal com o Ressuscitado.

A ênfase do Documento no discipulado mostra uma Igreja mais preocupada com a formação de seus membros. Membros que sentem o desejo de assumirem a Missão, o “ide e anunciai” (cf. Lc 7,22) o Cristo ressuscitado, após fazerem a experiência do encontro; ser discípulo missionário, testemunha do Cristo no mundo.

3.2 UNIDADE NA PARÓQUIA

Na Igreja particular ou local, onde se manifesta plenamente a Igreja de Cristo, através das formas de vida comunitária, do testemunho de fé e fraternidade, do exercício de comunhão, é que são estruturadas as comunidades menores: as paróquias. Assim designa o Direito Canônico (515): “a paróquia é uma determinada comunidade de fieis, constituída de maneira estável na Igreja particular”.

A paróquia, sendo essa comunidade de fieis, tem por natureza reunir o povo cristão na vida litúrgica, na celebração, no ensinamento da doutrina salvífica, na prática da caridade (cf. CAT 2179). A comunidade paroquial expressa de forma visível o mistério da comunhão e o ensinamento evangélico “onde dois ou três estão congregados em meu nome eu estou no meio deles” (Mt 18,20); e é “sinal de comunhão e de unidade” (AA 18).

É na vida da Comunidade-paróquia, nas suas ações cotidianas, que os Movimentos ganham força e concretizam os carismas inspiradores. No conviver em unidade, em tantos momentos, como nos encontros, nas partilhas, nas celebrações, no diálogo fraterno é que os membros e seus respectivos movimentos passam a saborear e vislumbrar a beleza e a importância da Comunidade Paroquial, que é o elo de comunhão na comunidade magna, a Igreja.

3.2.1 Paróquia, lugar de experimentar o elo de comunhão

A Igreja local vive sua unidade impulsionada pelo Espírito Santo e testemunhando Cristo a todos (cf. AG 37). Dentre as propriedades da Igreja, destaca-se, como foi visto, a unidade; esta é que fomenta o elo de comunhão, juntamente com a apostolicidade. A Igreja particular é presidida pelo o seu pastor, o bispo, sucessor dos apóstolos e que tem a missão de promover a unidade; a paróquia, por sua vez é conduzida pelo Pároco. Igreja particular e paróquia são sinais de unidade e animadores da vida de fraternidade e fé⁵.

“A paróquia apresenta um exemplo luminoso do apostolado comunitário, congregando num todo as diversas diferenças humanas que encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja” (AA 10). Na Paróquia há a abertura às diferentes realidades, a todos os fieis, independentemente da espiritualidade de grupos, organismos ou movimentos. A *Sacrosanctum Concilium* (42) afirma que a paróquia é governada por um pastor local que faz às vezes do bispo; torna visível a relação de unidade com toda Igreja. A paróquia é, então esse elo de unidade e experiência de comunhão entre a comunidade local e a Igreja particular; não se reduzindo a uma simples associação religiosa.

3.2.2 Comunidades em comunhão eclesial

De forma iluminadora Medellín propõe (cf. DM 6,3) a formação de comunidades eclesiais, cultivadas na Palavra de Deus e na celebração da Eucaristia. Um passo à frente e muito atual para nossos dias, foi dado pela Conferência de Puebla, ao se falar de uma “evangelização mais personalizada” (cf. DP 64), e sua insistência na multiplicação das pequenas comunidades. E já na Conferência seguinte aparece a abordagem sobre “comunidade de comunidades” (SD 58-60). As comunidades de comunhão tornam-se sinais de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização (cf. RM 51).

⁵ CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2011-2015. São Paulo: Paulinas, 2011.

Evangelii Nuntiandi (55) ensina que as comunidades devem buscar uma integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja. Serão assim comunidades de fé, de culto e de amor (cf. SD 61).

3.2.3 A paróquia no Documento de Aparecida

A paróquia, comunidade de comunidades, é convidada a uma renovação, sendo formada de verdadeiras “células vivas da Igreja” (cf. AA 10). O Documento de Aparecida insiste em uma reformulação de suas estruturas, para que haja a comunhão em Cristo (cf. DAp 172). E para que chegue a todos o Evangelho de Jesus Cristo, torne-se uma paróquia anunciadora, missionária, que pode apresentar um caminho de renovação para a comunidade eclesial.

A paróquia, à luz de Aparecida, reflete Pereira (2012), “é uma paróquia missionária, que tem condutas que a levem a ser sinal solidário de compromisso social” promovendo a conversão pastoral, tantas vezes incentivada pelo Documento (cf. DAp 172).

O Documento propõe que a comunidade seja lugar fecundo de vivência cristã, onde haja vida em plenitude. Não seja uma paróquia presa a estruturas e inorgânica, mas, orgânica; onde todos os membros são responsáveis pela evangelização (cf. DAp 171), e fazem sua experiência concreta de Cristo (cf. DAp 304).

A paróquia, conforme o Documento, deve ser centro de irradiação missionária em seus próprios territórios (cf. DAp 306), com a compreensão de uma evangelização a partir da própria comunidade, de um fazer frutificar com testemunho.

A Comunidade Paroquial é o espaço onde os discípulos vivem e recebem a formação, crescem e amadurecem sua fé na unidade de vida e missão. E como afirma o Documento de Aparecida (170) “um dos maiores desejos que se tem expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe (...) é o de uma corajosa ação renovadora das Paróquias”, para que a Paróquia seja de verdade espaço aberto à diversidade de carismas e seja integradora de movimentos de apostolado.

3.3 UNIDADE NA MISSÃO

“Até os confins da terra” (At 1,8): está é a extrema meta geográfica da Igreja, ao receber o envio de testemunhar Cristo e anunciar o Evangelho. Ao dizer “missão” não imaginamos apenas a “catolicidade”, missão universal, da qual deriva a missionariedade, mas, a dinamicidade que se desenvolve no concreto, na pregação e na prática do Evangelho. Dínamo que provém todo do Espírito Santo, gerando a unidade da Igreja de Jesus Cristo. A unidade na missão se nutre da adesão ao ensinamento dos apóstolos, da comunhão fraterna, da oração e da Fração do Pão. É assim que Atos dos Apóstolos descreve idealmente a vida das primeiras comunidades. Em quatro curtos períodos, sintetizam magnificamente o ideal de uma comunidade cristã vivendo na escuta da doutrina, na busca da comunhão fraterna, na Eucaristia do Pão partilhado e na prece incessante (cf. At 2,42).

Hoje, a missão da Igreja e de cada fiel deve buscar nestas fontes originais da Palavra e do testemunho da comunidade primitiva a luz e o encorajamento para se desenvolver em espírito de comunhão e serviço de unidade.

3.3.1 Unâimes na escuta da Palavra, pregação e doutrina dos Apóstolos

3.3.1.1 Na escuta da Palavra, da pregação...

O Espírito do Ressuscitado habilita a vida para o anúncio eficaz da Palavra em todo o mundo (DV 91). Essa experiência viveu a primeira comunidade cristã, tão próxima do Ressuscitado, que difundia a Palavra por meio da pregação e do testemunho (cf. At 6,7), em espírito de unidade e comunhão.

A escuta da Palavra, revelada aos homens como Palavra de Salvação, permite aos fieis a experiência afirmada por Santo Agostinho, “que ouvindo creia, crendo espere, esperando ame”(DV 1).

A Palavra de Deus suscita a fé e a adesão da pessoa ao Cristo (SZENTMÁRTONI, 1999). A palavra é dinâmica, viva, e gera; perturba, interpela, descobre, mas, é iluminadora, tranquiliza; é luz para o caminhar (cf. Sl 118). O anúncio da Palavra é razão de ser da vida do Cristão, vida que é um serviço a favor da Palavra (cf. At 6,4). Com o testemunho de vida evangélica o cristão torna-se a Palavra na vida (cf At 5,4).

A pregação dá som à Palavra de Deus (Ibid.). O anúncio da salvação, o querigma, conduz a pessoa à conversão; pregação que é “missão de todos os cristãos” (RM 2). Isso significa que todos os membros de pastorais, movimentos, os membros da comunidade, estão convocados a anunciar. No servir à Palavra, à pregação, orienta-se a pessoa para Deus e para a Igreja, e não se reduz a um ensino doutrinal (Ibid). O anúncio de Jesus Cristo ressuscitado e presente na história é a “atualização constante da Igreja” (Ibid).

O enviado a anunciar fala e age não por autoridade própria, e sim, a partir da autoridade de Cristo (cf. CAT 875). Os Atos dos Apóstolos mostram que toda comunidade é anunciadora e portadora da Palavra de Deus: “todos... anunciavam com intrepidez a Palavra de Deus” (At 4,31). “Todos” aqui indica tanto a totalidade dos fieis na ação, como sua unidade e comunhão no gesto da pregação.

3.3.1.2 Na doutrina dos Apóstolos

Os apóstolos transmitiam os ensinamentos a partir da experiência que tiveram da ressurreição. Os primeiros cristãos seguiram as instruções dos apóstolos (cf. At 4,13), que eles adquiriram da convivência com Jesus, aprendendo de seu jeito de ser e de viver. Tornando-se o centro de referência da doutrina de Cristo.

O ensinamento de Jesus, suas palavras, seu modo de relacionar e comunicar brotava do coração, do desejo de fazer a vontade do Pai. Os apóstolos apoiavam-se nos ensinamentos (PIÉ-NINOT, 1998) de Jesus: ajudar os pobres e necessitados, mas, sobretudo a fazer o querer do Pai.

Além da lembrança dos atos de Jesus, os apóstolos viviam a releitura dos textos bíblicos na perspectiva de Jesus. A comunidade primitiva fundamentava sua

fé e se aprofundava com base nos que foram testemunhas diretas da vida e do ensinamento do Senhor (cf At 1,21) (GOURGUES, 1990).

O ensinamento dos apóstolos é a transmissão fiel do que Jesus ensinou (cf. At 5,8). E as comunidades eram fieis e perseverantes a estes ensinamentos (cf. At 2,42) e davam testemunho da Ressurreição de Jesus (cf. At 4,33). A fidelidade ao ensinamento dos Apóstolos permite que a Igreja seja una: “uma só fé, um só Batismo, um só Senhor” (Ef 4,5).

3.3.2 Unânicos na Comunhão Fraternal

A comunhão (Koinonia) nasce do Pai (cf. 1 Jo 1.3), do Filho (cf. 1 Cor 1,9) e do Espírito Santo (cf. 2Cor 13,13) e se traduz em comunhão fraternal com partilha de bens (CRB, 1995, p.94). A palavra grega “Koinonia” expressa a união dos cristãos, união que tem como base a mesma fé e o mesmo projeto de vida (STORNILO, 1993), e está relacionada também à partilha dos bens materiais (GOURGUES, 1990). A comunhão é com Deus, e a união profunda entre os que exprimem e atuam na fé comum (FABRIS, 1991). Essa comunhão de fé pode chegar naturalmente à comunhão de bens. Uma “relação vertical de abertura a Deus leva à relação horizontal de solidariedade e partilha” (GOURGUES, 1990). Tal comunhão é sagrada, não podendo ninguém dela abusar em benefício próprio, pois, esse morre para a comunidade (Ibid.).

A comunhão fraternal era, de fato, um abraçar a fé na e da comunidade, vivendo a partilha. É o que à Escritura nos ensina: “todos os que abraçavam a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas: vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2, 44).

3.3.3 Unânicos na Fração do Pão

A fração do pão lembra Jesus que partilhava o pão com os discípulos entre todos (cf. Jo 6,11). Mais tarde, o pão será partido pelas casas (cf. At 2,46) e no Templo (cf. At 20,7).

O gesto de partir o pão no início da refeição era próprio do pai ou do chefe do grupo no mundo judaico. Tomando o pão nas mãos, dava graças a Deus e o partia para distribuir (STORNILO, 1993). O evangelista João (13,1) nos ensina que este é o gesto supremo de Jesus na última ceia, amou até o fim.

A expressão “fração do pão” é a primeira forma de referência à celebração da Eucaristia das primeiras comunidades, obedecendo ao mandato de Jesus: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Mais que um gesto ritual e de partilha tornou-se um gesto sacramental, gerador da unidade dos cristãos com Cristo e entre si: “sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade” (SC 47).

3.3.4 Unânicos na Oração

A comunidade tem suas várias faces que são como lembranças e vivas de uma história, um fazer memória; “eram unânicos na oração...” (At 5,12). Toda comunidade de cristãos é convidada a retomar a experiência da comunidade dos primeiros cristãos, que permaneciam unidos entre si e a Deus. Era tão forte o desejo existente entre os primeiros a seguirem a fé, que o testemunho do amor e da unidade reflete até os nossos dias.

Assim como os discípulos de Jesus foram gerados na sua oração íntima ao Pai, essa lógica deve continuar através da perseverança na oração (RATZINGER, 2007).

Quando o texto diz que eram perseverantes e unânicos na oração, leva-nos a imaginar uma oração determinada e no acordo entre todos; indica um só coração, sendo a melhor forma de unir o Povo de Deus; na perseverança, ou seja, sem esmorecer, sem desistir de orar.

Era uma comunidade que permanecia em oração, quando aguardavam o agir de Deus, ao tomar decisões importantes (cf. At 1,24), para saber a vontade de Deus (cf. At 10,9), para resistir às perseguições (cf. At 12,5) (CRB, 1995). Ao se apresentar diante do Senhor eram unânimes, como um transbordar de si para o outro, as graças recebidas de Deus pela oração, e acolher os frutos da oração. Verdadeira “koinonia”, doar do que é meu e receber do outro.

3.3.5 A Missão no Documento de Aparecida

A renovação missionária em Aparecida exige a criação de novas estruturas pastorais (cf. DAp 172), e para permanecer nesse estado de missão a serviço da vida plena, a Igreja, depende de missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé (BRIGHENTI, 2008). Há um clamor por uma conversão pastoral que exige a passagem de uma passiva e mera conservação a uma pastoral decididamente missionária (cf. DAp 370). O Documento de Aparecida (cf. DAp 370) expressa o desejo de um novo ardor missionário, e augura uma Igreja que se manifeste como mãe que vai ao encontro, casa acolhedora, escola permanente de comunhão missionária. O novo ardor missionário é para todos os membros da Igreja. Os Movimentos também são convidados à renovação de estruturas ultrapassadas que não favorecem a transmissão da fé, vivendo os constantes processos de renovação (cf. DAp 365).

Quando o Documento expõe o conceito de “células vivas da Igreja” (DAp 170) evoca a dinâmica renovadora da missão do apostolado leigo em conjunto com toda Igreja na ação missionária (cf. DAp 170), onde as células podem e devem multiplicar-se.

Para a missão é indispensável o agir do discípulo missionário, que tenha tido o encontro com o Ressuscitado, que tenha sido formado e instruído na caminhada de fé (cf. DAp 306). É com a atuação e multiplicação dos missionários que se conseguirá responder às exigências da evangelização (cf. DAp 174).

Aparecida indica que na missão é importante que os fieis experienciem a comunidade como família na fé e na caridade, onde mutuamente se acompanhe e se ajude no seguimento de Cristo (cf. DAp 305); seguimento de Cristo que possibilitará construir um consenso moral sobre os valores fundamentais (cf. DAp 506), que supere o atual relativismo ético imperante.

3.4 MINISTROS DA UNIDADE

Os ministros da unidade, sejam eles participantes do sacerdócio ministerial ou do sacerdócio comum dos fieis (cf. LG 10), são chamados a terem no coração o mesmo desejo de Jesus: “que sejam um” (Jo 17, 21). Esse anseio “sugere que há uma certa analogia entre a união das Pessoas Divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade” (GS 24). Ou seja, a unidade da comunidade brota da unidade das Pessoas da Trindade.

3.4.1 Os ministros ordenados

3.4.1.1 O Bispo, os presbíteros e os diáconos a serviço da unidade.

Os presbíteros são participantes do sacerdócio ministerial pelo poder sagrado. Formam e regem o povo sacerdotal (cf. LG 10), servindo aos irmãos, fazendo com que todos cheguem à salvação (cf. LG 18).

Os que fazem parte do sacerdócio ministerial recebem o sacramento da Ordem: “o ministério eclesial, divinamente instituído, é exercido em diversas ordens pelos que desde a antiguidade cristã são chamados bispos, presbíteros e diáconos” (LG 28). Esse sacramento possui três graus de participação sacerdotal (episcopal e presbiterato) e a do serviço (diaconado).

Os ministros ordenados, como ministros da unidade, exercem seu serviço ao povo de Deus por meio dos ensinamentos, “múnus docendi”; do culto divino, “múnus liturgicum”; do governo pastoral, “múnus regendi” (CAT 1592).

A unidade é conseguida pelo ministro quando segue o exemplo de Cristo (cf. PO 14). E o ministro ordenado é considerado o homem da comunhão, da missão e do diálogo (cf. PDV 18).

No Documento de Aparecida esses ministérios são especificados assim: os bispos, como sendo os pais e centro da unidade (cf. DAp 188); os presbíteros, como imagem do Bom Pastor, são chamados a “ser homens da misericórdia e compaixão” (DAp 198); já os diáconos são convidados a dar “testemunho de Cristo servidor” (DAp 207).

3.4.1.2 O Pároco

É de importância singular para este estudo saber a missão do pároco, a partir do Documento de Aparecida (201). Assim como a missão de todo o presbítero, o pároco – discípulo missionário – é ministro da unidade e é de suma importância que ele tenha uma profunda experiência de Deus, a tal ponto que o seu coração esteja configurado ao coração de Cristo, Bom Pastor (cf. DAp 199).

Quando comprometido e animado pelo zelo apostólico, cheio de caridade pastoral e transbordante de misericórdia, o Pároco sentir-se-á impulsionado a cuidar do rebanho a ele confiado com amor pastoral. Procurará cuidar daqueles que estão distantes, nas periferias, dos pobres e marginalizados. Para bem exercer sua missão é indispensável que o Pároco esteja próximo do povo e fazendo-se servidor de todos (cf. DAp 198).

Conforme o Documento de Aparecida (201), a primeira exigência com relação ao Pároco é que ele “seja autêntico discípulo de Jesus Cristo” e “um sacerdote apaixonado pelo Senhor”, devendo ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com uma simples administração.

O Pároco deve ser o promotor e animador da diversidade missionária. E ao surgirem desafios com a chegada do “novo”, “se requer imaginação para encontrar respostas” (DAp 202). Mas, é sumamente necessário que, mesmo com a

diversidade, com o novo desafio emergente, busque-se a vivência da unidade, da comunhão, que integra os diversos dons e serviços. Como afirma o Documento de Aparecida (203) a esse respeito, sobre a integração, ao falar dos serviços e ministérios: “a integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador é essencial para assegurar uma comunhão missionária”.

3.4.2 A Vida Religiosa

A Vida Consagrada na Igreja vive os conselhos evangélicos da castidade consagrada a Deus, da pobreza e da obediência, tais conselhos que se baseiam nas palavras e nos exemplos do Senhor (cf. LG 43). Os consagrados propuseram-se seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-lo mais de perto; cada qual a seu modo, consagrados a Deus (cf. PC 1); têm como regra suprema o seguimento de Cristo proposto pelo Evangelho (cf. PC 2).

Os consagrados vivem como verdadeira família reunida em nome do Senhor (cf. Mt 18,20). E são convidados, como membros de Cristo, a anteciparem-se uns aos outros com atenções na intimidade fraterna (cf 12,10), carregando um o fardo do outro (cf Gl 6,2).

A exortação *Vita Consecrata* (20) ensina que a primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza nas pessoas chamadas, levando-as a uma “existência transfigurada”.

Além da existência transfigurada, outra característica do consagrado como, ministro da unidade, na vivência dos conselhos evangélicos é: “tornar-se um dos rastros concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina” (VC 20).

A Exortação sobre a Vida Consagrada, valoriza a dimensão da missão do consagrado ao afirmar que “a missionariedade está inscrita no coração mesmo de toda forma de vida Consagrada” (VC 25).

No Documento de Aparecida (219), a Vida Consagrada é chamada a ser especialista em comunhão. Ao serem ministros da unidade, os consagrados, são convidados, devido à “forma vitae” que assumiram, a fazer de seus lugares de

presença, lugares de anúncio explícito do Evangelho, sobretudo aos mais pobres (cf. DAp 217).

A Vida Consagrada é chamada a uma vida disciplinar, uma vida missionária e a serviço do mundo (cf. DAp 220). A vida e a missão dos consagrados para ser geradora de unidade, “especialista em comunhão”, como define o Documento de Aparecida (218), precisam estar inseridas na Igreja particular e em comunhão com o Bispo.

3.4.3 Os fieis leigos

A *Apostolicam Actuositatem* (2) afirma que há na Igreja diversidade de serviços, mas, unidade de missão. Assim os fieis leigos participam da única missão da Igreja. Por leigos, compreendemos todos os cristãos, que pelo batismo foram incorporados a Cristo, e que são participantes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo (cf. LG 13).

O leigo é chamado a buscar o Reino de Deus, permanecendo em suas funções temporais: ofícios, trabalho, vida familiar, a modo de fermento (cf. LG 31), eles são membros vivos (cf. LG 32). Ou como ensina *Christifideles laici* (27), os fieis leigos devem convencer-se cada vez mais do particular significado que tem o empenhamento apostólico na sua Paróquia.

No Documento de Aparecida (211) os leigos são chamados a participar na ação pastoral da Igreja. Participam dando testemunho de vida, mas, também, com ações no campo da evangelização, conforme as necessidades do lugar em conformidade com os pastores.

O leigo, como ministro da unidade, tem campos específicos de atividade evangelizadora: no trabalho, na esfera familiar, no mundo da política, da cultura, da vida sócio-econômica (cf. DAp 174). Mas, para essa missão é necessária uma sólida formação doutrinal, pastoral e espiritual (cf. DAp 212).

O Documento (DAp 213) é insistente em reafirmar o quanto é necessário que o leigo seja levado em consideração, com espírito de comunhão e participação, e que se entenda o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja.

4 PROPOSTAS PARA UMA ESPIRITUALIDADE PAROQUIAL DE COMUNHÃO

Propor uma linha ou uma ação concreta é sempre desafiador, ainda mais ao se falar em agir pastoral que inclua o dinamismo dos Movimentos Eclesiais. Isso, sobretudo porque o agir dos Movimentos abarca um horizonte além dos limites territoriais de uma comunidade paroquial, ou diocesana, como povo de Deus que se expande num segmento carismático próprio. Talvez o que essa reflexão possa ajudar é esclarecer o caminho de Encontro com Jesus e a unidade indispensável entre os discípulos missionários. Destacar-se-á o sentido de pertença, pertença a uma comunidade Igreja enquanto membros de um único Corpo, e também, a importância da Espiritualidade vivida em comunidade que ilumina e sustenta o caminhar na unidade.

O presente labor apresenta propostas mais amplas, que em seguida são retomadas em aspectos mais práticos: crescer no sentido de pertença, manifestar a Igreja como Povo de Deus, corpo Místico de Cristo e Templo do Espírito Santo, caminhar na Espiritualidade de Comunidade-Igreja e viver no esforço por uma espiritualidade de comunhão, integrando os Movimentos Eclesiais na Comunidade Paroquial.

4.1 CRESCER NO SENTIDO DE PERTENÇA

A Igreja afirma através do Catecismo (cf. CAT 1) que Deus criou o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada; e aprouve-lhe em sua bondade e sabedoria, revelar-se e tornar conhecido o mistério de sua vontade, para leva-lo a viver em comunhão com Ele (cf. DV 2). Assim o Senhor propicia um recíproco bem querer, entre o Criador e a criatura, entre o Senhor Deus e o seu povo, “eu serei vosso Deus e sereis meu povo” (Jr 32,38). Aqui se situa o fundamento de sentir-se pertencente ao povo de Deus, à Igreja, à comunidade, enquanto agente de pastoral ou membro de um Movimento. O Senhor nos quer reunir como seu povo (cf. Ez 36, 8ss)

Recentemente o Papa Francisco⁶ numa de suas reflexões, destacou três pilares do sentido de pertença eclesial: a humildade, a fidelidade e a oração.

O primeiro, a humildade, indica o Pontífice, é o sentir, pensar e querer dentro da Igreja, unido à Comunidade eclesial. O que requer o reconhecimento da pequenez humana diante da grandeza de Deus: para isso é necessária a humildade; compreender que somos uma pequena parte de um grande povo, que segue na estrada do Senhor.

Outro pilar está diretamente ligado à obediência: a fidelidade. O ser fiel aos ensinamentos da Igreja, à profissão de fé e à doutrina.

E o último pilar é a necessidade de rezar pela Igreja, por toda a Igreja em todo mundo, o que aprofunda o pertencer e o sentir com a Igreja.

A reflexão proposta pelo Bispo de Roma ajuda-nos na vivência da unidade do discipulado missionário: o ser Igreja no mundo e com o mundo, numa profunda consciência de pertença, mesmo diante das vicissitudes da caminhada de Cristão.

O Documento de Aparecida (cf. DAp 226) ao falar da vivência comunitária, impulsiona todos os fieis, e dá como necessidade, que “se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e co-responsáveis em seu desenvolvimento”. E afirma ainda, que esse assumir-se como membros “permitirá maior compromisso e entrega em e pela Igreja”.

O sentido de pertença existente no discípulo missionário é “movido pelo estímulo e ardor que provém do Espírito” (DAp 284). O Espírito impregna e motiva o discípulo a tornar-se comprometido com a realidade e por sua transformação e capaz de encontrar significado em tudo o que cabe fazer pela Igreja e pelo mundo (cf. DAp 285).

A Conferência da Aparecida (cf. DAp 552) na conclusão do Documento fala que os marginalizados necessitam de “sentir a proximidade da Igreja” e da “oferta do divino bálsamo da fé”; onde os discípulos pertencentes à Igreja são convidados a serem fervorosos: “recuperemos o valor e a audácia apostólicos”.

⁶ Papa Francisco. Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/articles/papa-em-sta-marta-amar-cristo-sem-a-igreja-e-uma-dicotomia-absurda>

4.2. MANIFESTAR A IGREJA, SACRAMENTO DA TRINDADE

O manifestar a unidade em Cristo é, no sentido mais concreto, de um agir, ou da experiência pessoal testemunhada como uma atitude de fé. As reflexões e acenos do capítulo anterior foram fundamentais para mostrar aspectos da unidade. E ao se elencar alguns conceitos e imagens mais clássicos sobre a Igreja, percebe-se o quanto exigem a vivência da unidade. Os conceitos Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo e Templo do Espírito Santo, são os que serão aqui contemplados. Embora haja outros, tais como: Igreja Sacramento, Tradição Viva, Sociedade, Comunhão, Instituição (PIÉ-NINOT, 1998), os três escolhidos são mais pertinentes ao propósito de destacar a unidade.

4.2.1 A comunhão no Povo de Deus

A *Lumen Gentium* inicia o capítulo segundo com a seguinte afirmação:

Em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça. Aproveu, contudo, a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse (LG 9).

O conceito Povo de Deus, tem o fundamento na tradição veterotestamentária e sua relação com a categoria de Aliança, que é seu elo com o Novo Testamento (Ibid.). Esta Aliança, selada entre Deus e o povo eleito, em Jesus Cristo se torna nova e perfeita, levando a remissão definitiva ao seu Povo (cf. LG 9). A linhagem escolhida, o sacerdócio régio, a nação santa, o povo conquistado... agora são Povo de Deus (cf. 1 Pd 2, 9-10). Os que têm como lei o mandamento novo de amar como Cristo mesmo amou (cf. Jo 13,34), e tendo “nascido do alto” (Jo 3,3-5), são membros deste povo pela fé em Cristo e pelo batismo. Todos são chamados a participar do Povo de Deus (cf. LG 13) e fazerem da unidade em Cristo, um só povo (cf. AG 1).

Sobre este Povo de Deus que tem por cabeça Cristo, e que embora não abranja atualmente todos os homens e que apareça como pequeno rebanho, a

Lumen Gentium (9), afirma que é, contudo para todo gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação. Esta constituição dogmática (cf. LG 9) dá a saber com bases na Escritura Sagrada, que o próprio Cristo adquiriu sua Igreja, convocou-a e constituiu-a, para que ela seja para todos e para cada um o sacramento visível da salutífera unidade.

A imagem Povo de Deus deve ser destacada em seu sentido de realidade histórica e escatológica, que manifesta o caráter salvífico da Igreja; mas, que por estar ligada à capacidade de explicitar a dimensão histórica da Igreja, a expressão Povo de Deus, tem seu risco na possibilidade de se limitar às características políticas e ideológicas ligadas à noção de povo (RATZINGER, In. FERREIRA, 2013). No entanto, Povo de Deus tornou-se uma expressão fundamental para compreender a eclesiologia do Concílio Vaticano II (FERREIRA, 2013).

O Documento de Aparecida faz menção da imagem da Igreja como Povo de Deus, em várias oportunidades: todos somos “membros do Povo de Deus” (DAp 186), chamados à “comunhão no Povo de Deus” (DAp 163). O viver antecipadamente o amor, a comunhão com Deus e com os homens, consiste em viver, já neste tempo, a “comunhão dos santos”. A comunhão dos santos é “a comunhão nos bens divinos entre todos os membros da Igreja” (DAp 160).

A Igreja é “casa e escola de comunhão” (DAp 158), onde os discípulos missionários compartilham a mesma fé, esperança e amor, a exemplo das primeiras comunidades de cristãos (cf. At 2,42), inspirados pelo novo mandamento (cf. Jo 13, 34) que une os discípulos ao Mestre (cf. DAp 161). O Povo de Deus se constrói como comunhão de Igreja particulares, e através do intercâmbio entre as culturas (DAp 182). E ao citar *Lumen Gentium*, o Documento de Aparecida (DAp 209) afirma que os leigos são cristãos, incorporados a Cristo pelo batismo, formando o Povo de Deus, e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. E assim podem realizar, conforme sua condição, a missão de todo povo cristão na Igreja e no mundo.

A missão do Povo de Deus se realiza no mundo, pelo testemunho, pela atividade que se tornam contribuição para que as realidades sejam transformadas, criando estruturas justas, espelhando-se no Evangelho. Ainda afirma o Documento (DAp 210), sobre a necessidade de fazer crível a fé professada, “mostrando autenticidade e coerência em sua conduta”.

4.2.2 A comunhão no Único Corpo de Cristo

Essa imagem tem suas bases claramente bíblicas e tradicionais (FERREIRA, 2013). A expressão ganha difusão na eclesiologia católica com a encíclica *Mystici Corporis* (PIO XII, 1965), que acentua uma estrutura humano-divina da Igreja (PIÉ-NINOT, 1998), e aprofunda um aspecto místico, ao Corpo de Cristo (DE LUBAC, 2008). O Concílio Vaticano II, por sua vez também retoma e realça a realidade da Igreja como Corpo: “Ao comunicar o seu Espírito, fez de seus irmãos chamados de todos os povos, misticamente os componentes de seu próprio Corpo” (LG 7).

O conceito “Corpo Místico de Cristo” abarca alguns elementos segundo De Lubac (2008). Cristo é a Cabeça do Corpo que é a Igreja (cf. Ef 1,22), onde todos os membros são conformados à Cabeça (cf. Gl 4,19). A doutrina da Igreja, ao menos no conceito paulino de Corpo de Cristo, é absolutamente completa, e De Lubac (2008) explica, que se não é uma definição, ao menos oferece uma imagem analógica para conduzir-nos à compreensão da natureza da Igreja.

É o Cristo que distribui os dons dos ministérios ao seu Corpo que é a Igreja; o Corpo é movido, unificado pelo Espírito, que é um só e o mesmo na Cabeça e nos membros (cf. LG 7). O Concílio trabalha a espinhosa questão dos membros da Igreja, que foi muito discutida na dimensão ecumênica (FERREIRA, 2013), e se propõe, com a noção de Corpo, trabalhar a dimensão Cristológica e Soteriológica da Igreja (PIÉ-NINOT, In. FERREIRA 2013).

Com a dimensão de Corpo Místico da Igreja, a unidade do Corpo, não acaba com a diversidade dos membros (cf. CAT 791), antes, acentuando uma unidade profunda (DE LUBAC, 2008), também apresenta a beleza dos dons variados para o bem da Igreja, segundo as riquezas da variedade de ministérios.

Na *Lumen Gentium* (2-4), é dado destaque à fundamentação trinitária da comunhão eclesial, para traduzir o fato de estarem os fieis enxertados no Corpo Místico de Cristo e sua participação no Mistério da Igreja (Lexicon, p.120). A comunhão exprime de maneira adequada a catolicidade da Igreja (cf. LG 13), enquanto relação entre Igreja local e Universal (cf. LG 13), a ligação dos bispos entre si (cf. ChD 5) e com aquele que “preside a comunhão universal da caridade” (LG 13).

O Documento de Aparecida (19) também salienta a realidade da Igreja como Corpo Místico de Cristo, onde cada discípulo missionário contempla Deus com os olhos da fé, vendo a realidade circundante dos povos com seus valores e seus limites, suas angústias e esperanças, seguindo Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida. Cristo, afirma o Documento (DAp 22), é “o Deus de rosto humano”, “verdadeiro e único salvador”, certeza essa que “se faz sempre mais importante e urgente enraizar e fazer amadurecer em todo o Corpo eclesial”. Todo discípulo é membro de Cristo, pertencente à Igreja pelo dom do batismo (cf. DAp 175b). Os membros de Cristo caminham guiados pelo Espírito, no anúncio da Palavra, na celebração da fé, no serviço da caridade (cf. DAp 151).

A Igreja Corpo de Cristo é formada na diversidade de carismas, ministérios e serviços (cf. 1Cor 12,4). Cada batizado, discípulo missionário, “é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo” (DAp 162). Para que, não arrefeça o Corpo de Cristo, cheio de muitos membros, é sumamente importante que cada discípulo missionário desenvolva colocando em prática os seus dons. Sem, contudo, deixar de considerar a alteridade mútua, pois, são “chamados a cuidarem uns dos outros” (DAp 161).

4.2.3 Comunhão na Igreja - Templo do Espírito Santo

Uma das belas contribuições do Concílio Vaticano II foi a de realçar a comunhão da Santíssima Trindade refletindo na vida da Igreja. E justamente regatar a importância fundamental da presença e ação do Espírito Santo, que afirma o Credo Niceno-constantinopolitano é “Senhor que dá a vida”. É o Espírito Santo, que faz, assim, a Igreja ser Corpo Vivo de Cristo. Sua presença e ação na Igreja a revela como autêntico Templo onde habita o Espírito.

A constituição *Lumen Gentium* (4), afirma que quando o Pai termina a obra que havia confiado ao Filho “foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes a fim de santificar a Igreja permanentemente”. O Espírito Santo é que dá vida, gera e sustenta a Igreja (cf. Gl 5,16.18); conduz, santifica e orna de virtudes os seus membros (cf. LG 12), repartindo os dons a cada um (cf. 1 Cor 12,11). Pela graça do

Espírito, no batismo, os membros da Igreja tornam-se filhos de Deus e membros do Corpo (cf. LG 13): “fomos todos batizados num só Espírito para sermos um só Corpo” (1 Cor 12,13). O Espírito reúne todos os fieis dispersos na comunhão (cf. LG 13). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fieis como num templo (cf. 1Cor 3,16) santificando-os e unificando-os (cf. LG 4).

A Igreja é o Templo do Espírito Santo (cf. CAT 809). E o Espírito Santo é “o princípio de toda ação vital e verdadeiramente salutar em cada uma das diversas partes do Corpo” (CAT 789). Ou seja, o Espírito Santo está todo na Cabeça, todo no Corpo e todo em cada um de seus Membros (cf. MC 73), tornando a Igreja “Templo do Deus vivo” (1Cor 3,16.17). O Espírito Santo santificador, que santifica toda a Igreja e cada membro, recebe do Pai, como Jesus, uma missão: “como Jesus foi enviado ao mundo para a nossa Redenção, semelhantemente o Espírito foi enviado à alma do justo para a sua santificação (cf. Gl 4,4-6)” (BOFF, 2013).

O Espírito vivifica a Igreja e nela habita. Habita na Palavra da Sagrada Escritura, “que tem o poder de edificar” (At 20,32); no batismo, pelo qual forma o Corpo de Cristo (cf. CAT 798); nos sinais sagrados dos sacramentos, que proporcionem o crescimento e a cura dos membros de Cristo (cf. CAT 798); nos ministérios, nos quais manifesta seus dons (cf. LG 7); nos corações dos fieis, falando-lhes, quando oram (cf. LG 4), e concedendo-lhes os seus dons.

O Espírito Santo “dota e dirige a Igreja mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos” (LG 4). Os dons pneumáticos, segundo Clodovis (2013) é como um “instinto do Espírito Santo”. São dons (carismas) para a edificação da Igreja, para o bem dos homens e para as necessidades do mundo (cf. CAT 799). São dons dispostos para a comunidade. Sendo assim, os membros, cultivando a abertura de coração ao Espírito Santo, podem receber seus dons: “dons –para” “dons –serviço”(Ibid.). Ou seja, são dons para gerar na comunidade a vida, a comunhão e a unidade entre os membros. Não são requisitos para a autopromoção de um membro, mas carisma para a autodoação no serviço de comunhão.

O Espírito Santo é a alma da vida da Igreja (cf. DAp 23). E a Igreja é marcada e selada com Espírito Santo e fogo, para ser continuadora da obra do Messias. O Espírito Santo assegura a vida da Igreja, iluminando e conduzindo no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade (cf. DAp 151); ele concede com seu sopro de vida a força para a transformação e renovação da Igreja.

A Igreja, como Templo do Espírito Santo, recebe do Paráclito todo o “princípio da sua vida, da unidade na diversidade e da riqueza dos seus dons e carismas” (cf. CIC 809). Em vista desta presença do Espírito na Igreja, seu Templo, é que a Sagrada Escritura apresenta o Espírito e a Esposa (Igreja) clamando pelo Advento de Cristo: o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem (cf. Ap 22,17).

4.3 CAMINHAR NA ESPIRITUALIDADE DE COMUNIDADE-IGREJA

4.3.1 Partir do Encontro com Jesus Cristo

A compreensão da necessidade de se tornar discípulo missionário, tão fortemente acenada no Documento de Aparecida, demanda que o discipulado comece pelo Encontro com Jesus Cristo, encontro pessoal, que leva a tomar consciência do que é mais necessário e o mais exigente no itinerário da formação do discipulado missionário. Esse Encontro é muito importante e indispensável, e é tamanha a sua magnitude que nossos bispos em Aparecida se incluem nesta tarefa primordial:

A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida, e com isso uma orientação decisiva (DAp 12).

Aos membros das comunidades, em específico os grupos e movimentos urge que experienciem esse encontro com Jesus Cristo, não mais em função de um apostolado, como “alma de todo apostolado”, mas, acima de tudo “alma de nossa alma” (BOFF, 2013). Expressa bem o desejo de primeiro seguir a Cristo, estar com ele, querer unir-se a Jesus Cristo, tê-lo como centro da vida, e se descentralizar; imitá-lo ao sair de si mesmo para ir ao encontro do outro (PAPA FRANCISCO, 2014).

Os encontros apontados pelo Documento de Aparecida, podem nos ajudar no tecer propostas, ou pelo menos na reflexão, salientando este aspecto do “Encontro”,

encontro com Jesus Cristo, na caminhada dos membros de tantos grupos que, ensinam, por aprofundar-se na busca do Senhor (cf. Is 55,6), no unir-se a ele, vivendo a fé no fascínio do primeiro amor (cf. Ap 2, 4).

O Documento de Aparecida (DAp 249), apresenta personagens do Evangelho que fizeram a experiência do encontro com Jesus, tendo suas vidas transformadas (PEREIRA, 2014).

- A Samaritana (cf. Jo 4, 1-42)

Jesus chegou à região da Samaria, chamada Sicar. Ele está cansado da viagem e precisa descansar, por isso senta-se junto do poço de Jacó. Neste mesmo lugar chega também uma mulher, sem nome, desconhecida. É uma samaritana que vem apanhar água no poço de Jacó... O encontro com Jesus acontece à beira do poço, mostrando assim que para encontrá-lo, encontrar a Deus, não é necessário ir a Jerusalém, nem entrar numa capela ou catedral. Mas, do lugar do trabalho cotidiano pode-se elevar o coração a Deus (KUDLAWICZ, L; BOFF, C).

- Zaqueu (cf. Lc 19,1-10)

Quando se encontra com Jesus e os seus olhares se cruzam, nasce, da parte de Jesus, uma proposta, um convite, um mandato. Jesus dá uma ordem: "Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa" (Lc 19,5). Ir ao encontro de Jesus requer abertura para acolher o seu pedido, a sua ordem. É ir em direção a uma mudança de vida. Zaqueu ouve a ordem de Jesus e desce da árvore. Desce da sua vida cotidiana, deixa seus afazeres, seu egoísmo, orgulho. Agora ele só tem olhos para Jesus (KUDLAWICZ, L; BOFF, C).

Os lugares onde encontramos com Jesus Cristo, segundo o Documento de Aparecida (247ss), são: a Sagrada Escritura, que é fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora; a Sagrada Liturgia – Eucaristia, a celebração do mistério pascal, e fonte inesgotável da vocação cristã, fonte inextinguível do impulso missionário; no sacramento da Reconciliação, lugar onde Jesus Cristo se compadece de nós e nos dá o dom de seu perdão misericordioso; a Oração pessoal e comunitária, cultivando a amizade com Jesus e procurando assumir a vontade do

Pai; a Comunidade viva na fé e no amor fraterno; os pobres, aflitos e enfermos, que exigem, da parte do discípulo, o compromisso com o Reino, e ao mesmo tempo, dão testemunho de fé e de paciência no sofrimento.

Provavelmente muitos discípulos de Jesus Cristo encontraram o Mestre em momentos e lugares diferentes, outrora, lançando a rede para a pesca, na coletoria de impostos, hoje, na luta pelo trabalho digno, nas reivindicações sindicais, na solidariedade com os mais fracos, na assistência a um enfermo, ou na caminhada como membro integrante de um movimento ou grupo. É importante lembrar que alguns aspectos influem diretamente neste processo complexo da realidade humana; seja no modo de sentir e pensar de cada indivíduo, na questão de adaptação dos lugares e dos tempos de vida comunitária às condições atuais, e na presença da Igreja no cotidiano de cada um (COMBLIN, 2003).

Em nossas comunidades, para os Movimentos e grupos, é necessário que se proporcionem espaços de verdadeiro encontro com Jesus Cristo, um verdadeiro anúncio, para que possa acontecer a iniciação cristã verdadeira (cf. DAp 278). E assim não aconteça que, participando dos Movimentos e das comunidades se continue do mesmo jeito, sem mudar para melhor. Isso poderá acontecer se tais fieis ainda não tiverem feito uma verdadeira experiência desse encontro (PEREIRA, 2014). São espaços necessários para que cada membro de Movimentos se encontre com o Senhor, proporcionando-se celebrações da fé, formações, confraternizações, que os ajudem a ingressar no discipulado de Jesus Cristo, e propiciem abertura, na comunidade, às diversidades de carismas, ministérios para que se partilhem fraternalmente os dons. Tendo esse espaço, para o encontro, mais membros dos Movimentos passarão pelo processo de renovação, dando aos Movimentos a possibilidade de crescerem na fé. E renovando assim seus membros, estes assumam as funções dentro dos próprios movimentos e na comunidade com maior perseverança e empenho, pois, caminharão por causa do Reino.

Conforme o Documento de Aparecida (DAp 278), o Encontro com Cristo deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade. O anúncio precisa estar presente em todas as ações da Igreja, pois esta é a maneira de colocar alguém em contato com Jesus Cristo (cf. DAp 288), de convocá-lo à conversão e ao início de um caminho de transformação (cf. DAp 351). E leva o discípulo à conversão e ao seguimento em

uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão (cf. DAp 289).

Uma vez que o anúncio é uma forma de colocar a pessoa em contato com Jesus Cristo, a comunidade paroquial precisa envolver todos os Movimentos e pastorais no cultivo do encontro pessoal com o Senhor. A partir daí, proporcionar-se-á oportunidades concretas para que muitos outros se deixem encontrar com Deus e sua Salvação em um caminho de comunhão fraterna de dons.

4.3.2 Aprofundar o processo de Conversão

O Encontro leva à conversão, que é o responder ao Senhor depois de uma escuta (cf. DAp 278). Essa experiência religiosa é profunda e intensa, levando a uma mudança de vida integral (cf. DAp 226a). A conversão implica numa transformação na forma de pensar e de viver, é um aceitar a Cruz de Cristo, um alcançar a vida morrendo para o pecado; o convertido decide ser amigo de Cristo e ir após Ele (cf. DAp 278).

O Documento de Aparecida (366), afirma que a conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. E que o Espírito coloca o germe do Reino em nosso Batismo e o faz crescer pela graça da conversão permanente graças à Palavra de Deus e aos sacramentos (cf. DAp 382).

A conversão acontece através do anúncio do querigma, mas, se fortalece numa formação, formação esta que ajuda na mudança de mentalidade do discípulo.

A conversão pessoal é parte integrante do processo de renovação da paróquia: “a conversão pessoal conduz à conversão comunitária, pois, a comunidade é feita de indivíduos” (Ibid.).

A conversão pastoral, segundo o Documento de Aparecida (370), exige que se vá além de uma mera conservação para um agir decididamente missionário. Tendo um novo ardor missionário, a Igreja se manifesta como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.

A “conversão pastoral”, aparece pela primeira vez no Documento de Santo Domingo e o Documento de Aparecida o retoma com muita ênfase. No Documento

de Aparecida pela expressão “conversão pastoral”, entende-se a passagem de uma pastoral de cristandade, de sacramentalização, de conservação, a uma pastoral de pós-cristandade, evangelizadora, “decididamente missionária” (BRIGHENTI, 2013).

Conversão é uma firme decisão que quando tomada deve impregnar todas as estruturas eclesiais, inclusive os Movimentos (cf. DAp 365). Trata-se de renovar toda ação evangelizadora, não só numa mudança na nomenclatura das ações, mas na forma de pensar e agir (PEREIRA, 2014). A atitude de convertidos levará a uma vida de comunidade mais alicerçada no modelo das primeiras comunidades cristãs (cf. At 2,42). O abandonar estruturas obsoletas e o cultivar a unidade na ação evangelizadora diocesana e paroquial é parte essencial do processo de conversão e renovação. Uma atitude de verdadeira unidade implica em um envolvimento de comunhão cada vez mais abrangente, do máximo ao mínimo, e do mínimo ao máximo, como instâncias eclesiais: a diocese com a Igreja, as paróquias com suas dioceses, os movimentos com suas paróquias, e não um agir isolado, sem um eixo condutor, organizador e dinamizador. A ação evangelizadora orgânica é envolvente, ela abrange a todos, não só os padres, paróquias, coordenações, mas, o comprometimento com a causa do Reino vai até o último e próximo membro.

Para que a conversão aconteça, a partir do encontro com Jesus Cristo, são necessárias algumas condições como: forte motivação, discernimento crítico, conhecimento da realidade, renúncia para deixar o convencional e coragem para investir num futuro que nos escapa (MIRANDA, 2009).

A Conferência de Aparecida insiste em afirmar que “a Igreja necessita de forte impulso que a impeça de se instalar na comodidade, no cansaço e na indiferença” (DAp 362).

A abertura à conversão, é necessária para sair da comodidade. E ainda é grande a dificuldade por parte dos agentes de pastoral em entender algo diferente da pastoral tradicional (COMBLIN, 2007). A conversão pastoral é do “ser” da estrutura, da espinha dorsal. Com essa conversão transformadora haverá abertura para um planejamento da ação evangelizadora da comunidade, com a participação de seus membros em conjunto e na unidade. Os fieis se sentirão responsáveis, pertencentes, e verdadeiros membros inseridos na comunidade.

A conversão traz propostas novas e requer unidade para realizar a missão de renovação, de rompimento com as estruturas arcaicas (PEREIRA, 2014). O grande convite é para a abertura aos novos desafios da evangelização, da missão. Isso

pressupõe um olhar atento para a sociedade concreta com seus anseios, insuficiências, valores, a fim de perceber como melhor lhe transmitir a mensagem evangélica (MIRANDA, 2009).

É importante que cada membro de Paróquia, ao participar de seu Movimento ou grupo compreenda a conversão não como um encontro com Jesus Cristo restrito a um momento passado de sua vida, mas a assuma como processo constante de renovar-se no conhecimento e na amizade de Jesus e na adesão à sua mensagem, como ensina S. Paulo: “não que já o tenha alcançado, mas... corro ao encontro sabendo que já fui alcançado por Cristo” (Fl 3,2).

4.3.3 Amadurecer no Discipulado

“A primeira coisa necessária para um discípulo é estar com o Mestre, ouvi-lo, aprender Dele” (PAPA FRANCISCO, 2014).

O Documento de Aparecida expressa com ênfase que “a pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, aprofunda-se no mistério de sua pessoa, de seu exemplo, e de sua doutrina” (DAp 278c). E indica a catequese permanente, e a vida sacramental como meio de perseverança na vida cristã e na missão desafiadora em meio ao mundo (cf. DAp 278).

A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja (cf. DAp 156). O discípulo é chamado a intensificar a resposta de fé e anunciar Jesus Cristo (cf. DAp 134), resposta que amadurece no amor de Jesus (cf. DAp 137).

O discípulo, seguidor do Mestre, vive da comunhão, pois, “não há discipulado sem comunhão” (DAp 156). Ele é aquele que ampara e acolhe, formado na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 29-37), “que nos dá o imperativo de nos fazer próximos” (DAp 135). Tal discipulado impede que seja uma experiência limitada “aos espaços privados de devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida” (DAp 284).

O Documento (DAp 138) destaca a centralidade do Mandamento do Amor (cf. Jo 15,12) e “este amor, com a medida de Jesus, com total dom de si”. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo (cf. DAp 277). “Quando o impulso do Espírito

impregna e motiva todas as áreas da existência, então penetra também e configura a vocação específica de cada pessoa” (DAp 285); dessa forma a vida no Espírito não nos enclausura em uma intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário.

O agir no amor do discípulo de Jesus Cristo é o diferencial do cristão. Ele não exerce isoladamente o seu discipulado, mas na Igreja e com toda a Igreja, onde é conclamado para reunir-se na fraternidade, acolher a Palavra, celebrar os sacramentos e sair em missão (CNBB 94). O discipulado é a característica de uma pessoa convertida, e uma pessoa convertida é alguém renovado (PEREIRA, 2014). É renovado ao fazer a experiência de Encontro com o Senhor. Ao “se comprometer com Jesus Cristo necessariamente se vincula com sua missão” (MIRANDA, 2009).

A formação de cada discípulo de Jesus Cristo, parte do convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz (cf. DAp 277). São cinco os aspectos fundamentais da formação do discípulo missionário (cf. DAp 278), que aparecem de maneira diversa em cada etapa do caminho: o encontro, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão.

Tal formação será mais abrangente se envolver as quatro dimensões apresentadas pela Conferência (cf. DAp 280): humano-comunitária, espiritual, intelectual, pastoral-missionária. O discipulado visto assim como formação permanente, harmônica e integradora permitirá o surgimento e o fortalecimento de verdadeiros e ousados discípulos-missionários. “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (DAp 18).

O discipulado acontece no amadurecimento da fé, do amor a Jesus Cristo, da consciência de Igreja (PEREIRA, 2014), que leva o discípulo a amar sua comunidade, a partir de seu movimento. Adquirir a consciência do ser Igreja é muito importante para o discípulo, pois, ele passa a compreender que há desafios e diferenças na missão, na comunidade, ou na ação evangelizadora em que ele está engajado. Mas, que é na busca da comunhão e da unidade, sobretudo por parte das lideranças, e na disposição de caminhar juntos que o discipulado vai perseverando no desejo de Jesus: “que sejam um” (Jo 17,21).

4.3.4 Conviver em espírito de comunhão

Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo (cf. LG 9). O mistério da Trindade “é fonte, modelo e meta do mistério da Igreja, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano” (BRIGHENTI, 2008). Deus revela o viver em comunhão aos discípulos missionários apontando sua Trindade como imagem da verdadeira comunidade (cf. DAp 155). O Deus Trindade se mostra comunidade amor, e o Documento de Aparecida (159) chama a Igreja, a refletir, testemunhar o amor de Deus, que é comunhão para atrair as pessoas e os povos para Cristo, sobretudo, no exercício da unidade, desejada por Jesus (cf. Jo 17,21). “A Igreja ‘atrai’ quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)”.

A comunhão vivenciada entre os membros da Igreja pelo amor de uns para com outros faz com que ela seja “reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade” (MIRANDA, 2009). A comunhão da Igreja se nutre do Pão da Palavra e do Pão do Corpo de Cristo (BRIGHENTI, 2008), tornando-se a “casa e escola de comunhão” (DAp 158). A comunhão se estende e se concretiza, no âmbito da realidade eclesial, com o cultivo de uma espiritualidade de comunhão do colégio episcopal junto com bispo de Roma (cf. DAp 181). Essa comunhão abrange as paróquias “células vivas da Igreja” que são lugares de experiência concreta de Cristo e de comunhão eclesial (cf. DAp 170).

A riqueza da Igreja peregrina, ensina o Documento de Aparecida (160), consiste em viver a comunhão nos bens divinos entre todos os seus membros. Mas, há feridas à comunhão, como a participação esporádica de numerosos católicos (Ibid.). E o Documento de Aparecida (278b), insiste que “não pode existir vida cristã fora da comunidade”. E há também exemplos de fieis que integram Movimentos e grupos sem viverem uma participação ativa e generosa nos compromissos e diretrizes da comunidade paroquial.

A comunidade precisa ser comunidade integradora, que acolhe a todos e que sai ao encontro dos seus membros, não só dos que estão distantes, mas, também dos que se encontram nas comunidades, que são membros de Movimentos de apostolado, e que às vezes caminham isolados sem comungar da conjuntura

pastoral da paróquia (PEREIRA, 2014). A comunidade deve estar disposta a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos que o Espírito concede aos membros discípulos missionários (cf. DAp 162). Miranda (2009) fala dos grupos de oração e reflexão, percebendo que o Documento de Aparecida poderia ser mais incisivo, pois, esses grupos oferecem possibilidades de uma vivência comunitária da fé.

A vivência da comunhão na comunidade, integrando os Movimentos pode acontecer de diversas formas, por exemplo, no assumir e ajudar a executar as diretrizes da ação evangelizadora da comunidade paroquial, no compromisso das lideranças em praticar a comunhão, na participação dos membros dos Movimentos nos momentos pastorais da comunidade. Ajudam assim a expressar a face da paróquia como elo de comunhão, onde existem muito membros e um só Corpo. Dessa forma, o agir evangelizador não vai ser de diretrizes justapostas, mas, uma ação que unifica e plenifica a Comunidade Paroquial.

Na atual realidade, é importante o incremento de uma espiritualidade de comunhão, na unidade da diversidade. É preciso valorizar a diversidade dos carismas que são dons do Espírito Santo, e que fortalecem e contribuem para comunhão. “A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão através da qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade (cf. 1Cor 12,4-12)” (DAp 162). E para não romper a unidade, a comunhão, é necessário que cada discípulo missionário desenvolva os seus dons, considerando os dons dos demais e complementando-os mutuamente (Ibid.), evitando fazer um caminho de isolamento quer pessoal quer em nível de Movimento ou grupo: “que eles sejam um, como nós somos Um” (Jo 17,22).

4.3.5 Viver como Igreja em saída

O tema da missão perpassa todo o Documento de Aparecida, que conclama a um agir mais missionário, culminando com o grande convite de “sair ao encontro” (DAp 278a). Assim ensina o Documento de Aparecida (347), retomando o texto da

Ad Gentes: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai’. Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos”. E a missão é a serviço da vida plena (cf. DAp 355). Pois, “o Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas”(DAp 358). A missão da esperança é o constante anúncio da vida num mundo em que a miséria não é acidente, e sim, fruto de “sua organização social e de sua civilização” (SUESS, 2007).

A missão consiste, sobretudo, em partilhar e comunicar a experiência, a todos, do dom do encontro com Jesus Cristo, buscando testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa (cf. DAp 145). Essa gratuidade vinda de Jesus Cristo se estende a todos, a todo Povo de Deus (Miranda 2009): bispos, párocos, presbíteros, diáconos, consagrados, leigos. Assim se dá uma percepção cada vez maior que “a missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo” (DAp 145).

Na missão todos são mensageiros e destinatários da Boa Nova. Na participação da missão o discípulo caminha para a santidade (cf. DAp 148), e “o caminho da perfeição acontece na missão” (RASCHIETTI, 2007). A Conferência quer que a missão conduza o discípulo “ao coração do mundo”. Uma santidade que:

não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente de grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (DAp 148).

O renovar a comunidade inclui criar meios que possibilitam ir ao encontro, nas casas, nos locais de trabalho, de estudo, de lazer (PEREIRA, 2014).

Ao saber que “sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”, o discípulo missionário assume a tarefa essencial da evangelização que é anunciar Cristo, e “que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DAp 146). O envolvimento no sentido de buscar sempre maior comunhão dos Movimentos e grupos com a comunidade paroquial ajuda a garantir para seus membros um compromisso mais autêntico com a missão evangelizadora e transformadora da Igreja.

4.3.6 Acolher: a missão como expressão da misericórdia

A atitude de acolhida no Documento de Aparecida, embora não esteja tão patente como outros temas, aparece sugerida em vários pontos. Para nossa caminhada reflexiva vale garimpar acenos sobre o assunto contidos no Documento, que iluminarão nossa proposta. O Documento de Aparecida nos ajuda a visualizar o tema da acolhida através do agir de Jesus. Nos encontros com a pessoa do Mestre de Nazaré, destacados no texto do Documento (cf. DAp 125), aparecem a forma de acolher de Jesus, como o Bom Pastor, que se aproxima e acolhe: “ficaram fascinados e cheios de assombro (...) diante da maneira como os tratava” (DAp 244). É o que aconteceu com o cego (cf. Mc 10,46-52) e no acolhimento à samaritana (cf. Jo 4,7-26). Assim, contemplamos Jesus Cristo que come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16); que toca com as mãos os leprosos (cf. Lc 5,13). Os gestos de amor de Jesus inspiram o acolhimento, Ele acolheu a todos, deixou que a prostituta lhe ungesse os pés (cf. Lc 7, 36-50).

O Documento de Aparecida (356) dá pistas de atitudes de acolhida aos discípulos missionários ao afirmar que “a vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessita de nós...”. E acrescenta que os fieis que buscam nossas comunidades devem ser “acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados visíveis e eclesialmente incluídos” (DAp 226b). O Documento de Aparecida (517) impele-nos para irmos ao encontro e chegarmos aos que estão longe, e isso com novas estratégias. A ousadia missionária é desenvolver ações que respondam aos desafios da realidade paroquial (Ibid.), unir esforços por parte de toda a comunidade paroquial, cada um com seus carismas e dons, somar forças, sobretudo, para se chegar ao que está afastado.

O acolher gera transformações, no acolhido e em quem acolhe. Muitos de nossos Movimentos e grupos eclesiais promovem uma acolhida positivamente diferenciada entre os seus, saem ao encontro de novos membros, valorizam a chegada de um novo integrante, preocupam-se com as ausências, visitam os enfermos, estimulam a perseverança.

A acolhida fomenta gestos de amor, parecidos aos de Jesus. É uma constante doação, é um exercício de reciprocidade “passando de um passivo

esperar a um ativo buscar” (DAp 517). Acolher lida diretamente com a abertura de si e a alteridade. Na prática, são inúmeras as possibilidades de exercer o dom da acolhida, como, o fazer visitas às casas (cf. DAp 517), que o Documento insiste tanto. Acolher a todos. Acolher especialmente os afastados, os periféricos, para que acolhidos pela comunidade eclesial possam amadurecer na fé (cf. DAp 159). É uma acolhida misericordiosa, como expressa o Documento: cuidar dos caídos ao longo do caminho, com atenção para os hospitalizados, os encarcerados, os excluídos, dependentes químicos e habitantes de novas periferias (cf. DAp 517).

Uma espiritualidade vivenciada em comunidade paroquial incentivará para que os gestos de acolhida profundamente vivenciados no recinto dos Movimentos e dos grupos se tornem uma prática envolvente para todos os fieis da Paróquia, aproveitando as próprias riquezas e evitando a formação de conjuntos isolados. É o que almejava Paulo Apóstolo para as comunidades cristãs: “Que o Senhor vos conceda que o amor entre vós e para com todos aumente e transborde sempre mais” (1 Ts 3, 12).

4.3.6.1 Opção preferencial pelos pobres: os primeiros para uma Igreja-comunidade que acolhe

“A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (DAp 392).

O Documento de Aparecida (391) nos assegura que “a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana”. É uma opção que dá aos discípulos missionários a realidade que são chamados a contemplar: nos rostos dos irmãos que sofrem, o rosto de Cristo que os chama a servi-lo. Há uma relação estreita entre Cristo e o pobre (MÜLLER, 2014); “tudo quanto fizerem a um destes meus irmãos menores, o fizestes a mim” (Cf Mt 25,40). Segundo Clodovis Boff (2007) a opção pelos pobres já está presente no Documento de Aparecida, já quando começa com “Cristo, a fé em Cristo” como ponto de partida. E essa fé é apresentada como “experiência de encontro” (DAp 278a), encontro de pessoa a pessoa, encontro vivo com o Cristo vivo. É um encontro transformador, na dimensão pessoal, comunitária, social e ambiental-ecológica. O

Documento de Aparecida apresenta a atitude de uma Igreja que faz uma escolha e se põe a favor: a favor de Cristo, dos afastados da fé, dos pobres e de sua libertação (Ibid.).

A opção pelos pobres é um desafio para o núcleo de trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs (cf. DAp 393). A preferência pelos pobres implica em uma solidariedade e um empenho decisivo (MÜLLER, 2014).

Clodovis (2007) explica que o encontro com Cristo, gera desdobramentos e um deles é o compromisso no mundo, na sociedade, que, para além da vida pessoal, envolve a vida social. E que a partir da experiência da fé em Cristo, o compromisso libertador deriva diretamente do seguimento a Jesus Cristo: “quem encontra Cristo vai ao encontro do irmão pobre e sofredor”.

O Documento de Aparecida procurou olhar a realidade da opção pelos pobres de frente, sem subterfúgios nem escapatórias. É um convite a todos os discípulos, aos membros das comunidades, dos Movimentos, a se convencerem de que “a opção preferencial pelos pobres nos impulsiona, como discípulos e missionários de Jesus, a procurar caminhos novos e criativos a fim de responder a outros efeitos da pobreza” (DAp 409).

Aparecida (DAp 397) adverte que a opção preferencial pelos pobres não deve ser confundida de forma alguma com uma “atitude paternalista”, mas deve ser expressa em opções e gestos concretos: dedicar tempo aos pobres, “prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis”.

Sair para as periferias existenciais dos mais pobres é sinal, na comunidade paroquial, de uma espiritualidade mais amadurecida que inclui os momentos celebrativos e formativos nas atitudes corajosas de fazer-se solidário com os sem vez e sem voz: “quando deres um banquete convida os pobres, os inválidos, os coxos e os cegos” (Lc 14,13).

4.4 O ESFORÇO DE UMA ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO: OS MOVIMENTOS NA COMUNIDADE PAROQUIAL.

Conversão pastoral é essencialmente mudança no âmbito das práticas, da ação eclesial (BRIGHENTI, 2015). E toda Comunidade Paroquial vive esse processo de conversão em proporções diferentes, quando seus membros encontram-se com Jesus Cristo, e ao aprofundar a experiência pessoal são inspirados a uma nova prática, a um renovado modo de viver e testemunhar a fé. Aderindo ao Caminho que é o próprio Cristo, e não só como uma inspiração interior, mas no concreto da vida, percebe-se num determinado momento que o Senhor corresponde verdadeiramente à espera que existia no coração (cf. DAp 29).

O esforço de uma espiritualidade de comunhão é para que a partir do Encontro com o Senhor, os membros dos Movimentos Eclesiais sintam em seus corações que o Senhor os conduz à unidade. E que eles não podem mais viver isolados, mas, são pertencentes a uma comunidade: o discípulo não existe sem a comunidade (cf. DAp 156).

4.4.1 “Eu vim para servir” (Mc 10,45)

Os Movimentos Eclesiais com seus dons e carismas, recebem e oferecem à Igreja o que são e o que tem. Com carismas próprios, nascem para diversos ministérios. Serão fieis e estarão cumprindo o “para o que” da sua inspiração carismática se estiverem à disposição da vontade do Senhor na Igreja, que assim se apresenta: “eu vim para servir” (Mc 10,45). Eles colaboram, conforme sua identidade-carisma, nas ações da Igreja, sem deixarem de lado sua especificidade, mas, em unidade profunda com a Igreja (cf. DAp 313).

Os Movimentos possuem uma diversidade muito grande de dons inspirados pelo Espírito Santo. Por exemplo, um Movimento, no cultivo do seu carisma motiva seus membros a se reunirem semanalmente para a leitura da Palavra de Deus, para preparar e celebrar a Eucaristia, para celebrar a liturgia das horas, para fazer a

convivência fraterna e ainda levar o anúncio de Jesus Cristo nas casas das famílias. E faz parte da formação, em tal Movimento propiciar períodos intensos de catequese para iniciação e aprofundamento cristão. Mas, todas essas ricas ações e propostas nem sempre estão vinculadas a ações orgânicas de evangelização da comunidade paroquial; isso traz diversas implicações, sobretudo no princípio da unidade e comunhão. Não se sugere aqui, de forma alguma, abandonar o específico, mas antes se propõe viver tudo isso como um servir na unidade. Um maior entrosamento do Movimento na Paróquia geraria um fortalecimento tanto nos membros do Movimento quanto na comunidade paroquial, ao mesmo tempo em que incrementaria o que é característico desse Movimento. O Movimento poderia dar sua contribuição de diversas formas, por exemplo, na preparação e instrução dos pais e padrinhos para o sacramento do Batismo (Pastoral do Batismo). O conteúdo da preparação para o Batismo na Paróquia seria ministrado pelos membros do Movimento, pois, muitos de seus membros já perfizeram um longo processo de caminhada e possuem uma base de vida cristã mais aprofundada.

Há os Movimentos que têm por prioridade a ação junto às famílias e casais. Seus membros frequentemente participam de encontros e formação especificamente sobre a realidade familiar. Apresentam grandes possibilidades e estariam mais aptos para um trabalho como a preparação das famílias para o sacramento do Matrimônio e o acompanhamento pastoral aos casais (Pastoral Matrimonial e Familiar).

Outros Movimentos possuem como característica o nobre e tão necessário trabalho de visitas às casas da comunidade. Seria importante que a comunidade paroquial integrasse essa bela ação missionária, para somar forças na evangelização, pois, muitas comunidades já estão empenhadas na proposta do Documento de Aparecida de ir ao encontro, dos afastados. Dessa forma, implementar-se-ia melhor os trabalhos já existentes na comunidade de visitação e acolhida. Com essa com essa forma de agir, de modo compartilhado e integrado o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo estaria acontecendo mais eficazmente. E não seria apenas um grupo menor da comunidade a realiza-lo, mas na unidade, envolvendo os Movimentos com carismas similares.

Na comunidade paroquial, existem os momentos de formação, retiro, encontros. Nisso se engajariam muito bem os Movimentos que têm esse foco, e que ajudam as pessoas a se encontrarem com o Senhor. Alguns Movimentos possuem um jeito mais envolvente e atraente de realizar esses momentos, de forma mais

festiva e contagiante, despertando dentro das pessoas o desejo de escolherem Jesus Cristo como sua opção fundamental. Esses encontros poderiam ser feitos não só com os que estão distantes, ou com aqueles que estão se aproximando da Igreja recentemente, mas, também com os conselhos de coordenações e equipes paroquiais. A unidade irá acontecer na partilha dos dons que o Senhor conferiu abundantemente a cada membro.

Também em relação à instrução e formação mais aprofundadas que muitos membros dos Movimentos possuem sobre a sagrada liturgia. Às vezes, é escassa na comunidade a presença de leigos que verdadeiramente entendem e sabem o que significa e realiza a divina liturgia. Seria oportuna a integração de membros dos Movimentos, na liturgia para realizá-la na beleza e harmonia que lhes são próprias.

Há a realidade clamorosa de tantos jovens e adultos que ainda não receberam a iniciação cristã. Nas comunidades é patente a dificuldade de acolhê-los. Um movimento que aprofunda a catequese de iniciação cristã poderia fazer a acolhida e inseri-los na comunidade.

Com todas essas possibilidades, os Movimentos não possuiriam uma atividade pastoral à parte, e não seria um acréscimo à sua ação evangelizadora, mas um agir na e com a comunidade paroquial, unidos para a realização de ações conjuntas. E o novo que surge faz parte da característica do Movimento, pois, é de sua natureza estar sempre aberto à inspiração nova que o Espírito sopra e impulsiona. Desse modo se provê a que os Movimentos permaneçam sempre atentos ao que pede a Igreja e ao que a comunidade paroquial manifesta como prioridade para o seu agir na unidade integradora.

4.4.2 “Que sejam um” (Jo 17,21)

4.4.2.1 O encontro de cada membro com Cristo

É indispensável para a vida de comunhão na comunidade, a experiência pessoal do encontro de fé com a pessoa de Jesus Cristo (cf. DAp 243), graças à ação invisível do Espírito Santo. Os membros dos Movimentos necessitam de

conhecer Jesus Cristo para terem uma vida de discípulo, “reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo” (cf. DAp 244). E sendo, um novo sujeito, o discípulo tem no seio da comunidade os lugares de encontro com o Senhor. No entanto, todo Movimento é convidado a acolher aquilo que a Igreja tem a lhe oferecer, seja, enquanto dons e carismas, ou, as diretrizes de organização da ação evangelizadora, e se integrar na ação orgânica paroquial (cf. DAp 100c). Isso torna possível depois testemunhar a comunhão, a unidade da Igreja-Comunidade.

4.4.2.2 A acolhida que gera comunhão

A comunidade-Igreja precisa estar aberta para acolher os Movimentos em sua originalidade, com seus carismas e dons provindos do Espírito Santo e para o bem da própria Igreja. Os Movimentos podem ser oportunidade para a Igreja acolher, por meio deles, os que estão afastados, propiciando-lhes o Encontro com Jesus Cristo (cf. DAp 312). Com a acolhida dos Movimentos, com suas riquezas espirituais e apostólicas, a paróquia exerce sua missão de crescer na integração da vida da diocese (cf. DAp 313).

4.4.3 “um só Corpo, muito membros” (1Cor 12,12)

4.4.3.1 A unidade dos membros no Corpo

O Corpo é gerador de comunhão pela ação do Espírito Santificador. É importante destacar que a unidade do Corpo não extingue a diversidade nos membros; antes, acentua a unidade. Em relação aos Movimentos, isso também acontece, pois, possuem carismas diferentes que os unem na comunidade paroquial, e eles se fortalecem como membros do Corpo de Cristo, Cristo Cabeça do Corpo (cf. Ef 1,24).

O zelo pelo Corpo é função de cada membro, que se sente pertencente ao Corpo. Ao relacionar-se esta realidade com as comunidades paroquiais e os Movimentos, é possível perceber que nas comunidades há uma diversidade muito grande de carismas e dons e que são expressões dos Movimentos eclesiais a serviço do Reino de Deus. No interior dos Movimentos, ao formarem a pequena comunidade de membros ativos é necessário intensificar o zelo pelo Corpo, pois, existem muitos conflitos e divergências entre liderança e membros, devido à forma de pensar e agir. Às vezes, essas divergências, dependendo da amplitude, ultrapassam o ambiente restrito do Movimento, e dá origem a preconceitos com relação ao Movimento por parte da comunidade paroquial. Com expressões bem conhecidas “panelinhas”, “grupinhos”, são os guetos existentes, devido à concorrência e ambição entre os membros. Essas mazelas expostas comprometem a comunhão entre os membros do Movimento e também fragiliza a unidade necessária entre comunidade paroquial e Movimentos. É necessário que se forme uma consciência maior de pertença de cada membro para com o Corpo, evitando-se feri-lo, pois, o Espírito Santo habita em cada membro e na Igreja; e também não se desvinculando da caminhada de Povo de Deus em direção ao Senhor.

4.4.4 “Com simplicidade de coração” (At 2,46)

A simplicidade pensada no modo de existir e de ser, no comportar-se, na forma de viver da comunidade é sumamente importante para uma forma de relacionar-se humilde, que provém de um crescimento humano-cristão. A “simplicidade de coração” é uma expressão para definir a atitude de dedicação sincera e íntegra a Deus, sem desvios (FABRIS, 1991).

Ao olhar para os Movimentos e seus membros, tal atitude de dedicação precisaria ser um aspecto fortemente observado diante da proposta de integração na Comunidade paroquial. Ter-se uma abertura e respeito para com todos os membros do Movimento, mas também para com a Comunidade Paroquial. Uma abertura não só com base na boa educação, mas, que tenha como fundamento a humildade, o saber ir ao encontro, acolher e formar Comunidade.

A dedicação deve ser sincera e íntegra, totalmente a Deus. Não querendo sobressair-se perante o Movimento ou a Comunidade, os fieis se orientarão pelo ensinamento de Paulo Apóstolo na Carta aos Romanos (12,3) “eu peço a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém”. E ainda, recomenda que a estima seja justa e iluminada pela sabedoria.

Muitas vezes a arrogância, o orgulho, a prepotência impedem que os Movimentos no seu interior e na relação com a Comunidade Paroquial vivam numa profunda comunhão. Falta, muitas vezes, o respeito, mas, sobretudo aquilo que é próprio da vida em comunidade, o diálogo. O diálogo, tão fundamental para uma vida em comunidade, e de modo especial para a Comunidade Cristã, possui alguns elementos imprescindíveis: o silêncio, a escuta e a palavra (CENCINI, 1998). O silêncio fecundo, que gera vida em comunhão, demonstra interesse em acolher. A escuta, conforme Bonhoeffer: “o primeiro serviço que se deve prestar ao próximo é ouvi-lo” (In: CENCINI, 1998), “ouvir com o ouvido de Deus”. A palavra, se torna então caminho para a descoberta e para o encontro. Esses três elementos bem desenvolvidos, num processo de diálogo autêntico, são indispensáveis para uma convivência integrada dentro dos Movimentos, entre seus membros, e para com a Comunidade Paroquial na busca de unidade integradora.

Alguns Movimentos e grupos poderiam dar uma contribuição valiosa para a integração e comunhão na Comunidade Paroquial, com apoio no diálogo, graças à caminhada que possuem na prática dos exercícios de silenciar e de escutar. Trata-se não apenas de ouvir Deus, mas, também de ouvir o outro e assim agir em determinadas situações proporcionadas pela caminhada.

O percurso da simplicidade de coração é um caminho que tendo o olhar e o coração fixados nas atitudes de Jesus – ter os seus mesmos sentimentos (cf. Fl 2,5) - como discípulo missionário, leva à disponibilidade, a estar aberto para o outro, revelando, comunicando, transmitindo e vivendo a comunhão.

A simplicidade de coração, que tem por base a humildade, não só evitará que um fiel se sobreponha ao outro no convívio eclesial, mas, sobretudo possibilitará o cultivo das virtudes e atitudes básicas para a vida em comunhão: a arte de escutar, o falar com moderação, o acolher o outro naquilo que diz, a aceitação das próprias limitações, o desejo de crescer e fazer crescer, o estender a mão para dar e receber ajuda. Tal comunidade, vivendo dessa forma a unanimidade, edificar-se-á a cada dia

mais no louvor de Deus, na simpatia do povo e na adesão de tantos outros ao projeto salvador de Deus (cf. At 2,47).

5. CONCLUSÃO

Ao término desse trabalho vale primeiramente acenar que o motivo principal dele foi frisar e tornar ainda mais perceptível a necessidade da unidade e da comunhão na Igreja, sobretudo, no que concerne aos Movimentos Eclesiais em relação à comunidade paroquial: “desafio ainda maior é colocar os ‘movimentos’ eclesiais dentro da comunidade e da Igreja local” (BRIGHENTI, 2006). Para esse fecho destacaremos quatro pontos como conclusão:

a) A Espiritualidade é a base de toda a vida cristã, como a “alma de toda alma”, pois, espiritualidade diz respeito ao Espírito: primeiro o Espírito Santo, depois o espírito de cada um. “É a vida do Espírito Santo em nosso espírito” (BOFF, C. 2015). É um constante crescer na comunhão com Deus, acolhendo seu projeto de amor, experienciando-o na condição existencial de cada indivíduo, caminhando e participando da comunhão e vivendo segundo o Espírito, no conhecimento do amor de Cristo (cf. Ef 3,18). É fazer a experiência do amor de Deus e do amor entre os homens no encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

A Conferência de Aparecida (DAp 240) é iluminadora ao apresentar o encontro pessoal com Jesus Cristo, numa experiência do amor da Trindade, como fonte inspiradora para o agir do discípulo.

O encontro e o seguimento se dá com uma Pessoa, com um acontecimento, Jesus Cristo, que é decisivo e que impulsiona toda vida. E é próprio do discípulo reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo (DAp 243). O encontro acontece numa comunidade eclesial concreta, na comunidade comunhão, que pode libertar o discípulo do isolamento, passando a caminhar com o Mestre. Ao experienciar o encontro com Cristo, o discípulo é levado a tomar consciência da sua missão. E o assumir a missão pressupõe uma adesão ao espírito de comunhão entre os seguidores de Jesus Cristo, na ação evangelizadora da comunidade paroquial, incluindo os Movimentos Eclesiais.

Uma espiritualidade de comunhão, que mostra a Trindade como modelo e meta para a verdadeira comunidade, é caminho para a comunidade paroquial trilhar de maneira mais integrada, até chegar à unidade desejada pelo Senhor (Cf. Jo 17,21). A vida de comunhão gera a acolhida fraterna, dos que estão próximos e dos que estão longe. Mas, exige também comungar da estrutura orgânica da ação

evangelizadora da comunidade paroquial. A unidade, necessária na comunidade, e provinda de Cristo, é sempre integradora. Não há discipulado, não há cristão, fora da comunidade (DAP 278d). A busca da unidade, que se estende a toda Igreja, neste estudo ficou mais relacionada aos Movimentos Eclesiais e à Paróquia. Poderia ser esta unidade estudada no âmbito das pastorais, da paróquia, da diocese, da conferência episcopal e de toda Igreja. No entanto, deteve-se no aspecto da comunhão dos Movimentos Eclesiais com a comunidade paroquial, tendo como proposta a integração, a unidade e a comunhão através da Espiritualidade.

b) A Paróquia é elo de comunhão e tem por natureza reunir os fieis, “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20). Essa comunhão acontece de diversas formas, mas, uma delas é através do Pároco que deve ser um “autêntico discípulo de Jesus Cristo” (DAP 201), que sendo ministro da unidade tem o dever de promover a comunhão em sua comunidade paroquial. A comunidade paroquial juntamente com seu pároco, por sua vez, precisam estar sempre abertas para as inspirações do Espírito, para que cada membro possa sentir e viver a unidade fazendo da experiência de comunhão com Deus, fonte e impulso para vivência de discípulo missionário.

É muito pertinente a convocação que vem à tona no Documento de Aparecida (370), para a “conversão pastoral”. Para que haja comunhão é indispensável a conversão da mente e do coração, gerando discípulos e comunidades renovados.

A conversão é fruto do encontro com Jesus Cristo, da necessidade em dar uma resposta ao Senhor. É sair da somatória dos que vivem buscando apenas “remédios” ou “vacina espiritual”, sendo meros “clientes” que acorrem para receber benefícios (BRIGHENTI, 2013). Há uma necessidade de conversão, de sentido de pertença, manifestando o empenho de ser e fazer comunhão.

c) A Igreja em um todo e as Comunidades Paroquiais são obra do Espírito, que dinamiza toda a sua vida. E é desse mesmo e único Espírito que nascem os carismas para a Igreja, numa imensidão diversa de dons. Impulsiona à evangelização, a levar o evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15), não numa missão individualista de um pequeno grupo à parte, mas, como missão de toda Igreja. O que acontece, às vezes, e, sobretudo nos Movimentos Eclesiais, é uma tendência à “autocentração”, em que tudo acaba girando em torno do próximo encontro, da próxima reunião, do próximo momento, e sobretudo, do próprio Movimento. Os

Movimentos Eclesiais têm como dificuldade maior a de “inserir-se no dia-a-dia das demais atividades da vida comunitária ou paroquial” (BAKKER, 2015). A inserção se dará a partir do momento em que os membros dos Movimentos passem do âmbito pessoal e grupal para o âmbito da comunidade, superando todo individualismo. É o eu-tu desembocando em um nós (BRIGHENTI, 2006), numa comunhão na unidade.

Os Movimentos possuem uma riqueza de dons, com um espírito renovador envolvente que facilita a aproximação dos fieis da Igreja. Basta mencionar alguns Movimentos: a Renovação Carismática Católica, com sua forma mais viva, emotiva e animada, ao conduzir orações mais clamorosas, sempre invocando o Espírito Santo; o Caminho Neocatecumenal, com o resgate da prática do catecumenato da Igreja primitiva, esmerando-se no querigma, com abordagens de porta em porta; o Cursilho de Cristandade, possibilitando a vivência do Evangelho, formando núcleos de cristãos que evangelizam no ambiente de seu cotidiano; a Legião de Maria, inspirada na antiga organização militar romana, promovendo visitas apostólicas em diferentes ambientes, acolhendo as pessoas e rezando por elas. É visível que todos os Movimentos têm o seu talento para oferecer em partilha à comunidade. Numa vivência mais profunda da comunhão a ação evangelizadora da comunidade paroquial seria ainda mais frutuosa a partir das contribuições desses vários Movimentos: com as visitas, o querigma, a prática do Evangelho levada aos ambientes do cotidiano, com celebrações e momentos mais animados e envolventes, tornando as liturgias mais vivas e participativas. Tudo isso terá como resultado uma comunidade paroquial dinâmica, acolhedora, misericordiosa e missionária centrada na sua finalidade primordial: instaurar o Reino de Deus nas pessoas e nas estruturas do mundo.

O integrar-se torna-se o segredo revelado para manifestar verdadeiramente a comunhão, pois, os Movimentos Eclesiais são mediadores da conversão, e tornam-se suportes para seus membros permanecerem fieis ao compromisso. E quando o Movimento caminha unido à comunidade paroquial, favorece o encaminhamento de seus membros para fazerem parte efetiva do Corpo de Cristo (cf. 1Cor). Ao mesmo tempo leva-os a uma ação evangelizadora sociotransformadora tendo em vista o Reinado de Deus (BAKKER, 2015). Supera-se, desse modo, o perigo de uma espiritualidade intimista, primitiva e alienada em relação à realidade sociopolítico-econômica em que se vive e se atua a fé.

d) Propor a unidade e a comunhão é dizer algo que é próprio da Igreja, mas que precisa ser lembrado: “não há discipulado sem comunhão” (DAp 156). A vida do discípulo é servir o seu Senhor, na comunidade em comunhão procurando um amadurecimento constante. O discípulo missionário precisa ser formado no amor e no seguimento a Jesus Mestre (DAp 278c). Fazendo a experiência do encontro, tornando-se um membro renovado, e dispondo-se ao Mestre, assume-se o seu desejo de unidade (cf Jo 17,21).

O membro dos Movimentos Eclesiais, com perfil de discípulo, conhece Jesus, transmite seu tesouro – o anúncio da Salvação – e deseja viver em comunhão na unidade. Não vive isolado, distante. Comunga da conjuntura da ação evangelizadora da Paróquia. Não desenvolve ações justapostas. Integra os talentos recebidos. Valoriza e saber acolher a diversidade. Partilha e comunica a experiência da missão, como anunciador e destinatário da Boa Nova. É sempre mais amante do Senhor. Sabe integrar-se à comunidade, com atitude de humildade. Acolhe o irmão diferente, ou distante, e se aproxima, inspirado pelos gestos de Jesus. Acolhe com a alegria de estar, caminhar, aprender e transmitir juntos. Vai ao encontro de quem está longe, solidariza-se com o que está perto. Acolhe os pobres, os primeiros da lista para uma comunidade que acolhe. Está sempre aberto e deixar-se conduzir pelo sopro do Espírito no Mistério da Igreja, Corpo de Cristo e Casa da Comunhão, instrumento do Reino de Deus no mundo.

REFERÊNCIAS

- AMERINDIA. (Org.) **Sinais de esperança**. Reflexão em torno dos temas da Conferencia de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ANDRADE, D. R. **Reinventar a paróquia?** Sonhar em tempo de incertezas. São Paulo: Loyola, 2006.
- ANTIOQUIA, S. Inácio. IN: CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 830.
- ARGÜELLO, K. **O kerigma**. Nas favelas com os pobres. Petrópolis: Vozes, 20013.
- BAKKER, J.N. Modelos pastorais em tempo de pastoral “líquida”? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 75, n. 298, p. 303-324, abril/junho 2015.
- BARBAGLIO, G. DIANICH, S. (Dir.). **Nuovo dizionario di teologia**. Milano: Paoline, 1985.
- BENTO XVI. **Verbum Domini**. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOFF, C. Espiritualidade e pastoral. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 75, n. 298, p. 369-389, abril/junho 2015.
- _____. Teologia da libertação e volta ao fundamento. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, outubro 2007.
- _____. Espírito Santo: protagonista da Espiritualidade. Apontamentos sumários. Curso de Espiritualidade – PUCPR. Curitiba: outubro, 2013.
- BRANDES, O. **Documento de Aparecida**. Síntese popular. Curitiba: Gráfica APC, 2007.
- BRIGHENTI, A. **A desafiante proposta de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja**. Perspectiva para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. **A Pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. Modelos de pastoral e eclesiológicos. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 75, n. 298, p. 280-302, abril/junho 2015.

_____. Nueva y antigua evangelización. El imperativo de uma conversión pastoral. **Efemérides Mexicana**, v. 31, n. 91, p.67-101, enero-abril 2013.

CASTRO, R. **Rabboni**. Campinas-SP: Raboni, 1996.

CATÃO, F. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CENCINI, A. **A vida fraterna nos tempos da nova evangelização**. São Paulo: paulinas, 1998.

CELAM. Conselho Episcopal Latino-Americano. **Documento de Aparecida**. 3. ed. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

_____. Conselho Episcopal Latino-Americano. **Documento de Santo Domingo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. Conselho Episcopal Latino-Americano, **Documento de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. Conselho Episcopal Latino-Americano, **Documento de Puebla**. Petrópolis: Vozes, 1979.

CHECA, R. **A pastoral da Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Loyola, 2009.

CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. n. 94 2011-2015. São Paulo: Paulinas, 2011.

CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. n. 100 São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2011-2015. São Paulo: Paulinas, 2011.

COMBLIN, J. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. O papel histórico de Aparecida. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 67, n. 268, p. 865-885, outubro 2007.

_____. **Teologia da Cidade**. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Pastoral urbana**. O dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 2002.

COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **O espírito que é Senhor e dá vida**. São Paulo: Paulinas 1997.

Concilium Legionis Mariae. Manual Oficial da Legião de Maria. Brasil: 1996.

CONGAR, Y. **A palavra e o Espírito**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Creio no Espírito Santo**: o rio da vida corre no Oriente e no Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O Presbítero**. Mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio. São Paulo: Paulinas 1999.

CRB. **Viver e Anunciar a Palavra**. As primeiras comunidades. São Paulo: Loyola, 1995.

DE FIORES, S. **A nova espiritualidade**. As novas espiritualidades na Igreja desafiam o futuro. São Paulo: Paulus, 1999.

_____; GOFFI, T. **Dicionário de espiritualidade**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DE LUBAC, H. **Meditación sobre la Iglesia**. Madrid: Ediciones Encuentro. 2008.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

EICHER, P.(Dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: 1993

FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola. 1991.

FERREIRA, A. L. C. A preparação do Concílio Vaticano II na renovação eclesiológica. In. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, n. 291, p. 533-558, julho 2013.

GOURGUES, M. **Atos 1-12**. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. **Christifideles laici**. Exortação apostólica. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **Dominum et Vivificantem**. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **Pastores dabo vobis**. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. **Redemptoris missio**. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Tertio millennio adveniente**. Carta Apostólica. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **Vita Consecrata**. Exortação apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. Catequese sobre a Igreja. In: AQUINO, Felipe R. Q. (Org.). **A Igreja**. 51 catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena-SP: Cléofas, 2001.

JUANES, B. **Introdução aos Carismas**. São Paulo: Loyola, 2001.

KLOPPENBURG, B. **Igreja Popular**. Rio de Janeiro: AGIR, 1983.

KREUTZ, I. J. **A paróquia: lugar privilegiado da pastoral da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1989.

KUDLAWICZ, L; BOFF, C. OS ENCONTROS COM JESUS NOS EVANGELHOS: ELEMENTOS PARA A "INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ" HOJE. **CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR**, CURITIBA, V.1, N.1, P.124-162, 2013.

HORTAL, J. **E haverá um só rebanho**. História, doutrina e prática católica do Ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1989.

Lecionário Dominical. Sequência de Pentecostes. São Paulo: Paulus, 1994.

Lexicon. Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

LIBÂNIO, J. B. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LOPES, M. Uma espiritualidade para o nosso tempo. **CONVERGÊNCIA**, Brasília, v. XLIII, n. 417, p. 751-759, dezembro 2008.

MAÇANEIRO, M. Movimentos eclesiais. In: **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2015.

MIRANDA, M. F. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MONASTERIO, R. A; CARMONA, A.R. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave Maria, 2006.

MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. Os teólogos católicos. São Paulo: Paulinas, v. 1, 1979.

Monge da Ordem dos Cartuxos. **O discernimento dos Espíritos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

Movimento de Cursilho de Cristandade do Brasil. **A mensagem do movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil**. São Paulo: Edição Complementar, 2002.

MÜLLER. G. L. **Pobre para os pobres**. A missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____; GUTIÉRREZ.G. **Ao lado dos pobres**. Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.

OSANDÓN, P. **La Parroquia misionera solidaria**. Bogotá: CELAM, 2008.

PAPA FRANCISCO. **A Igreja da Misericórdia**. Minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

PASSOS, J.D; SOARES, A. M. L. (Orgs.). **Francisco renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. Exortação Apostólica. Petrópolis: Vozes, 1976.

PEREIRA, J. C. **O Ofício do Pároco**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Paróquia Missionária à luz do Documento de Aparecida**. Procedimentos Fundamentais. Brasília: CNBB, 2012.

_____. **Pastoral da Acolhida**. Guia de implantação e atuação dos agentes. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Projeto Paroquial**. Orientações para implantação de uma evangelização permanente. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Renovação Paroquial**. Comunidade de comunidades em vista da missão. São Paulo: Paulinas, 2014.

PIÉ-NINOT, S. **Introdução à eclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1998.

PIO XII. **Mystici Corporis**. São Paulo: Paulinas, 1965.

RAHNER, K. **Curso fundamental da Fé**. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

RASCHIETTI, S. Ser e fazer discípulos missionários. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 67, n. 268, p. 929-948, outubro 2007.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, v. I, 2007.

RETAMALES, S. S. **Discípulo de Jesus e discipulado**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005.

ROSA, L. G. **Discípulos e missionários na paróquia**. São Paulo: Paulus, 2010.

ROSSÉ, G. et al. **Jesus Cristo**. Jesus Mediador. São Paulo: Cidade Nova, 1983.

SALVADOR, F. R. **Compêndio de Teologia Espiritual**. São Paulo: Loyola, 1996.

SUESS, P. Quinta Conferência – Quinta-essência. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 67, n. 268, p. 909-928, outubro 2007.

STORNIOLO, I. **Atos dos apóstolos**. O caminho do evangelho. São Paulo: Paulus, 1993.

SZENTMÁRTONI, M. **Introdução à teologia pastoral**. São Paulo: Loyola, 1999.

TEIXEIRA, F. Espiritualidade e inter-regiosidade. **CONVERGÊNCIA**, Brasília, v. XLVI, n. 443, p. 373-384, julho/agosto 2011.

USG. União dos superiores Gerais. **A espiritualidade**. Experiência unificadora da vida consagrada. São Paulo: Paulinas, 1999.

VATICANO II. COMPÊNDIO: **Constituições decretos declarações**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOFF, E. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2002.